

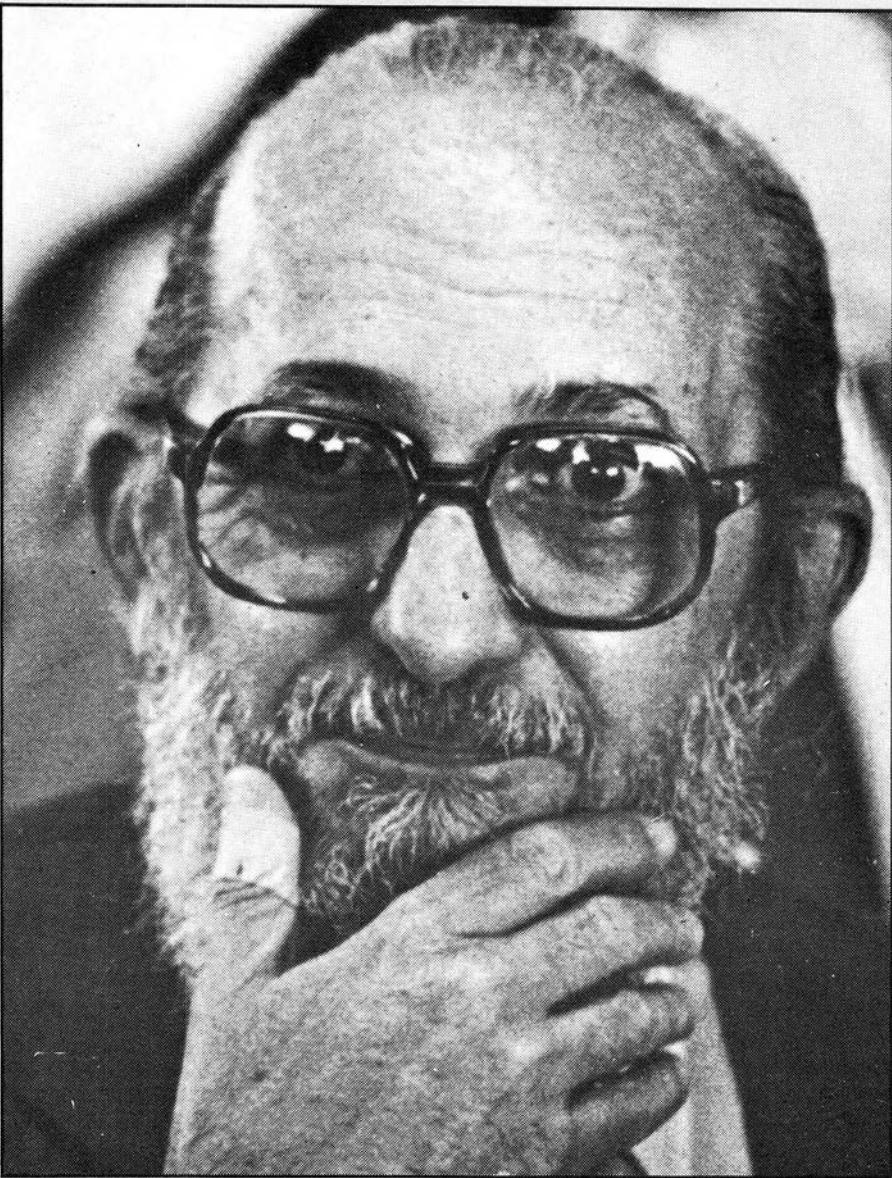
tempo e

presença

publicação mensal do CEDI

número 154, outubro de 1979

Paulo Freire: Educação é Prática da Liberdade



Bíblia hoje

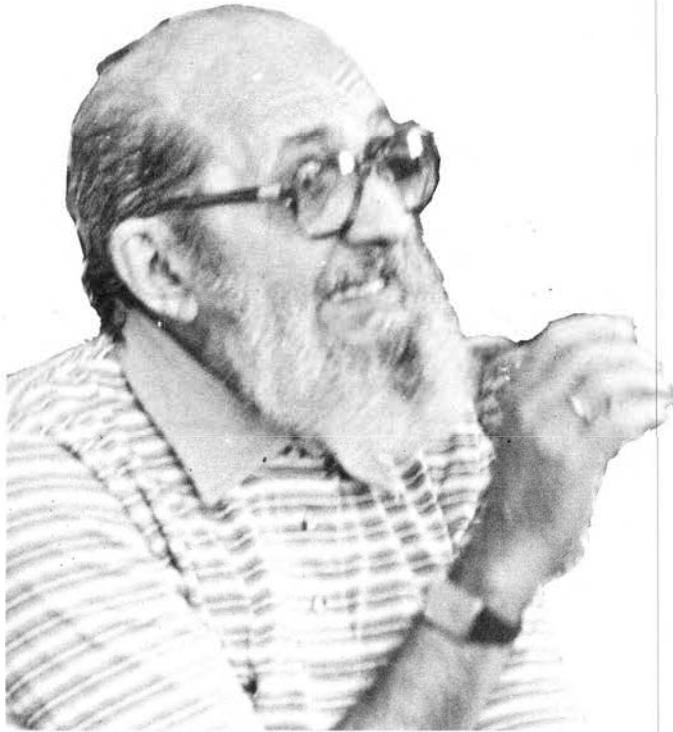
Êxodo
a pedagogia
da libertação

Aconteceu

Subsídios
para uma
política social

Última página

Pensar ou repensar
a educação:
como?



Editorial

Não dê o peixe, ensine a pescar

Esta afirmativa traduz o que foi, durante muito tempo, o projeto educacional no qual se viram envolvidos os educadores mais conscientes e engajados numa transformação pedagógica no Brasil. Romper com um sistema assistencialista da educação e superar os limites impostos pela sociedade capitalista era a

palavra de ordem que motivava os militantes católicos da década de 60. O Movimento de Educação de Base – MEB – através das Escolas Radiofônicas, era o baluarte desta nova educação – popular – para que as pessoas se compreendessem compreendendo o mundo que as rodeava e produzia. O professor Paulo Freire, no Recife, surgia como um dos teóricos desta educação. Foi o período onde a palavra CONSCIENTIZAÇÃO era o elã que mesclava os militantes preocupados com a alfabetização e tomada de consciência do povo. As classes dominantes apavoraram-se com a possibilidade real de que milhares de pessoas – alfabetizadas num tempo relâmpago – pudessem mudar as regras do jogo, democraticamente, através das eleições. E então, tirando da algibeira o chavão mágico de "COMUNISTA", colocaram-no na testa de tantos quantos ameaçavam o seu poder. Os anos passaram... e quinze anos depois volta o professor pernambucano. Mais amadurecido e mais lúcido nos seus escritos. A educação não é um projeto à margem da realidade social. Ela é produzida pelas relações sociais. Afinal, "as escolas profissionalizantes" só podem ser entendidas dentro de um projeto econômico dos militares que nos governam.

Dentro desta dura realidade o CELAM, em Medellin, 1968, aprovava uma Educação Libertadora e nela os escritos do professor Freire faziam uma simbiose entre o político e o eclesial. A situação da América Latina era comparada à situação de opressão do livro do Éxodo. Era necessário LIBERTAR O Povo. E neste processo de libertação a Educação desempenhava um papel primordial, segundo a Igreja Latino-Americana. Os anos também se passaram... e dez anos depois, em Puebla, os bispos latino-americanos constatam que as coisas haviam piorado dentro da nossa sociedade. Os ricos mais ricos e os pobres... miseráveis! Todas as tentativas de correção dos "abusos do sistema capitalista" haviam, quando muito, ingenuamente reforçado a dominação. E todo o esforço de ENSINAR A PESCAR o mar levava junto com as redes...

Mas esta crise toda serviu para evidenciar o que foi lentamente desvelado: DE NADA ADIANTA ENSINAR A PESCAR SE QUEM PESCA NÃO PODE COMER O QUE PESCOU. Se pesca para que outro coma. Se pesca para que o fruto da sua pesca entre na circulação que conduz o lucro para as mãos de uns poucos. Sem dúvida, ENSINAR A PESCAR é muito mais pedagógico do que DAR O PEIXE. Mas será uma pedagogia estéril e conivente com o sistema capitalista se este SABER PESCAR não estiver inserido numa sociedade onde quem pesca possa comer o que pescou. E é esta a nova palavra de ordem da educação para a liberdade: QUEM PESCA QUE POSSA COMER O QUE PESCOU... e repartir com seus irmãos e festejar com seus irmãos numa mesa farta. Mesa esta fruto do seu trabalho onde comam todos os que produziram e não apenas se satisfaçam com as migalhas da mesa dos que nunca produzem o que comem.

tempo e presença

CENTRO ECUMÉNICO
DE DOCUMENTAÇÃO E
INFORMAÇÃO – CEDI

Diretor:

Domicio Pereira de Matos

Redator responsável:

Paulo Cezar Loureiro Botas

Coordenação e Planejamento visual:

Claudius Ceccon

Arie:

Alvaro A. Ramos

Composição e fotolito:

Clik – Rua do Senado, 200

Assinatura anual – Cr\$ 180,00

Remessa em cheque pagável no Rio,

para Tempo e Presença Editora Ltda.

Caixa Postal 16.082 – ZC-01.

20.000 – Rio de Janeiro – RJ.

Publicação mensal

Registro de acordo com

a Lei de Imprensa



Paulo Freire no CEDI

Educação é Prática da Liberdade

Reflexões de um educador cristão
numa entrevista exclusiva a *Tempo e Presença*

TEMPO E PRESENÇA: Paulo, como você vê a proposta pedagógica de uma educação libertadora aprovada em Medellin e enriquecida com a prática pastoral decorrente desta opção? Ao seu ver a proposta auxilia a prática pastoral ou é ultrapassada por ela?

PAULO FREIRE: Eu vou tentar dizer para vocês como eu reajo do ponto-de-vista da prática da qual eu tenho feito parte atuante e da prática da qual eu tenho conhecimento. Faço parte dos educadores brasileiros que deu e continua a dar um mínimo de contribuição a uma prática educacional libertadora, uma educação como prática da liberdade. Foi esta prática, creio, a não ser que esteja cometendo um erro histórico muito grave de interpretação, que recebeu uma iluminação

teórica que tem a ver com muito do que aconteceu em Medellin. O que foi feito nesta perspectiva de libertação se encontra presente nas preocupações de Medellin. Há outros educadores que participaram desta experiência e desta prática, e mesmo da formulação teórica desta prática, sem ter tido nenhuma raiz ou motivação cristãs. Este, no entanto, não é o meu caso. No fundo, a prática pedagógica a que me entreguei, desde a minha juventude, no caminho libertador, tem muito a ver com a minha opção cristã. Certa vez eu disse numa entrevista, que muito moço ainda eu fui aos córregos e aos morros do Recife, nas zonas rurais, por causa de uma certa intimidade petulante ou gostosamente petulante com Cristo. Fui até lá por causa dEle. Mas chegando lá, a realidade dramática e desafiante do povo me

remete inclusive a Marx que eu venho, leio e estudo. Mas fazendo isto não deixo jamais de continuar me encontrando com o Cristo nas esquinas das ruas. Neste sentido, a prática se inicia, no meu caso particular, com a movimentação cristã e no desenrolar desta prática ela vai se fazendo cada vez mais política. E é a politização desta prática, ou melhor, a consciência do caráter político desta prática que me faz perceber que assim como eu me tornava político porque um educador, eu me tornava político porque um cristão. O que aconteceu é que parti para o povo com uma visão adocicadamente cristã. Com uma mensagem mais ou menos diáfana, com um cristianismo mais ou menos abstrato, com uma amorosidade que não se encarnava. E foi a necessidade da encarnação desta amorosidade, a desco-

Muitas vezes faz-se inicialmente uma opção pela libertação e não se tem consciência de até onde vai e qual é a caminhada. Como se a libertação fosse uma coisa e não um processo.

bera desta necessidade que me faz perceber-me cristão de outra maneira. Eu não gostaria de dizer mais cristão do que antes, mas que me faz perceber que porque estava me fazendo cristão estava me politizando. Em outras palavras, era inviável, enquanto cristão, ser neutro. Era inviável, enquanto educador, ser neutro. E esta prática cresce com outros. Amplia-se. Radicaliza-se. Desenvolve-se. Ganha contribuição de muita gente. No exílio ela continua. Cresce. E vai recebendo aportes e novos conceitos. E alguns aspectos desta prática, que não era só minha, vão aparecer nos documentos de Medellin. No meu entender, Medellin aparece como uma *denúncia-anúncio*. Medellin denuncia um contexto latino-americano e anuncia uma caminhada de libertação. Medellin denuncia uma realidade opressora e exige uma nova Páscoa aos cristãos. Uma Páscoa histórica, uma real transformação. Um morrer para reviver. E aí está uma das dimensões do anúncio que Medellin faz. Puebla, ao meu ver, relata o anúncio anterior e por mais que possa aparecer que recuou, a impressão que eu tenho é que em muitos aspectos avançou. Pode ser também que eu esteja errado...

T.P.: Esta caminhada tem ambigüidades, não é uma caminhada horizontal?

P.F.: É evidente. Não há caminhada que não tenha suas ambigüidades e contradições. Não há uma horizontalidade. Há curvas, idas e vindas e há muitos que desertam da caminhada. Eu me lembro que escrevia anos atrás sobre o papel das Igrejas na América Latina e falava desta caminhada. E da Páscoa como eu a entendia. Muitos de nós desistimos antes de começar a caminhada, outros no meio dela, mas muitos continuam marchando ainda. E foi esta caminhada que trouxe novas contribuições ao ponto de partida de uma educação libertadora. Seria uma lástima que depois de tantos anos as propostas de uma educação libertadora fossem as mesmas. Em certo sentido há determinados pontos e objetivos que continuam a ser os mesmos. Mas as formas, às vezes, de alcançar estes objetivos mudaram e houve um enriquecimento.

T.P.: As massas fecundaram a Igreja?

P.F.: A presença das massas na Igreja en-



riquece e transforma a própria prática. A prática ganha uma outra dimensão porque é enriquecida com a presença das massas. E elas deixam de ser um enfeite para a Igreja e passam a ser um componente desta transformação. Isto faz com que apareça uma outra Igreja. A Igreja deixa de ser mãe para ser filha também.

T.P.: Quais as razões que, em alguns casos, nesta caminhada de libertação, a Igreja faz uma opção para esta libertação e uma vez alcançada e mudado o regime que se combatia, as massas caminham mais depressa do que a Igreja e a Igreja se vê como que ameaçada de perder suas forças e rebanho e assume uma posição mais conservadora? É o risco da nostalgia do poder? Neste sentido a opção pela libertação não seria uma opção total? Ou seja, não uma meia opção, de que se pode ter um pé ali e outro aqui e vamos ver... Uma opção tem que assumir inclusive as suas consequências?

P.F.: A convicção que eu tenho é que deve ser total. É uma opção inclusiva permanente, um que-fazer permanente que não é necessariamente total no começo. Por exemplo, muitas vezes faz-se inicialmente uma opção pela libertação e não se tem consciência de até onde vai e qual é a caminhada. Como se a libertação fosse uma coisa e não um processo. Como se a libertação estivesse fora e não dentro do processo. Como se a libertação fosse um ponto de chegada ou um ponto de partida

e não um processo permanente. Quando se alcança, num certo momento da libertação, a liberdade, esta mesma liberdade conquistada, em pouco tempo, pode ser superada por outras necessidades de liberdade. É por isso que eu me recuso a discutir a liberdade como uma categoria metafísica. Eu só a entendo como uma categoria histórica. É a libertação como busca permanente de liberdade. Muitos de nós fazemos uma opção sem ter uma consciência clara de certos caminhos e de certos aspectos desta caminhada. E das implicações desta caminhada. Às vezes nos tornamos medrosos da caminhada e desistimos. Daí então o saudosismo do poder e os interesses de classe se colocam aí dentro. Quero dizer que muitos de nós optam pela libertação numa atitude muito mais dadivosa no começo, numa falsa generosidade do que com clareza política para a transformação de uma realidade de injustiças. Alguns de nós chegam, inclusive, a temer que a realidade concreta da injustiça desapareça porque daí então não teríamos o que fazer com a nossa caridade.

T.P.: Isto significa que se a teologia da libertação estivesse pronta ela estaria terminada. Mas a teologia da libertação se faz a cada momento. E é por isso que muitos europeus não entendem a teologia da libertação, pois ela não é uma coisa pronta, ela está se fazendo a cada dia?

P.F.: Possivelmente alguns europeus desconfiaram da falta de rigor, segundo eles criticam, da teologia da libertação, porque para eles seria importante que ela aparecesse como um sistema fechado em si. E é absolutamente impossível pedir isto à teologia da libertação. Para mim um dos grandes méritos dos teólogos da libertação na América Latina foi exatamente a clareza com que viram que esta teologia só se podia construir na prática: indo e voltando, fazendo-se e refazendo-se, jamais como algo parado. É inviável admitir o pacotamento da teologia da libertação. Ela é tão processual e dinâmica como a realidade social sobre a qual ela repousa a reflexão teológica.

T.P.: Dentro desta caminhada como você vê o sentido ecumênico? Por que normalmente quando se fala em sentido ecumê-

Porque não há, no meu entender, ecumenismo que não seja democrático. Que não seja participante.

nico pensa-se na aproximação de igrejas ou aproximação de doutrinas? E você, como católico, que trabalha num organismo protestante e evangélico, como é que você se sente nesta perspectiva ecumênica?

P.F.: Eu desde menino que me sinto ecumônico. Eu me lembro, por exemplo, quando menino ainda, em Jaboatão, a 18 km do Recife, eu não compreendia, nos meus 13 anos, aquela briga entre católicos e protestantes. Eu reagia. Eu me lembro que aos 15 ou 16 anos ouvi várias vezes o professor Jerônimo Gueiros falando num templo protestante. E eu como menino católico ia seduzido por uma certa gostosa felicidade de expressão e de discurso de um homem que era sobretudo um grande conhecedor da língua portuguesa. Mas eu ia com a curiosidade de um jovem cristão, mesmo sendo católico. Não me interessava se era um templo protestante ou não. E minha mãe tinha raízes numa catolicidade muito profunda. Minha mãe sabia que eu fazia isto de vez em quando e jamais me criticou nem me questionou. Na minha adolescência eu já não entendia este tipo de briga, de ofensas e de ataques. Mas depois que me fiz homem e comecei a ouvir a falar de ecumenismo, confesso a vocês, que um dos medos é que o ecumenismo significasse uma espécie de aliança para a preservação do *status quo*. Uma aliança de cristãos católicos e protestantes, disso ou daquilo, para manter o mundo parado. O que seria possível.

Se tu me pedes ainda meu testemunho de homem cristão de formação católica trabalhando desde 1970 no Conselho Mundial das Igrejas em Genebra, te diria que em toda a minha vida jamais me senti tão livre quanto durante o tempo em que trabalho no Conselho Mundial. Jamais. E vocês hão de convir comigo que eu tenho trabalhado em muitos lugares.

Uma das coisas que mais me agrada no CMI, apesar da burocracia, que é uma das coisas que eu não gosto nem lá nem em canto algum, é a ausência de beatismos, a ausência de pieguismo. E confesso a vocês que dentro de algum tempo eu direi até logo ao CMI, aos meus amigos e colegas de lá, e estou certo de que terei saudades dos seus corredores e sobretudo terei saudade do espírito que alenta aquela casa.



T.P.: Você está partindo do princípio de que o ecumenismo é este encontro que as pessoas têm diante de uma visão comum de cristianismo e de realidade. O que dá a linha ecumônica é a visão comum que as pessoas têm da realidade e não algumas definições prontas e já elaboradas sobre isto?

P.F.: Exato. Eu tendo a recusar visões domesticadas, elaboradas a priori. Eu diria que eu vejo o ecumenismo como a busca de unidade na diversidade de pessoas, de povos, que podem ser mediados pelo mesmo mundo que devem recriar. Por isso mesmo eu amplio o horizonte ecumônico incluindo nele os que não crêem como nós. Porque não há, no meu entender, ecumenismo que não seja democrático. Que não seja participante. Que não seja tolerante. Que não seja respeitoso. Saindo disso o ecumenismo se transforma numa rigidez, católica ou protestante.

T.P.: Quando você fala de respeitoso, não está pensando o ecumenismo como um processo de boas relações entre as pessoas, relações humanas mais delicadas entre as pessoas?

P.F.: Não, não. Eu insisti na mediatação do mundo que deve ser transformado e não conservado. Não há ecumenismo de conservação. Na medida em que o conservantismo é reacionário. Conserva-se o que não pode ficar. O que pode ficar não precisa ser conservado. Por exemplo, eu não posso conceber jamais como é neces-

sário que eu lute para conservar os evangelhos. Evidentemente que eu, como cristão, não posso ficar indiferente a eles. Mas a minha não indiferença aos evangelhos não tem nada a ver com a posição de querer conservá-los. Porque a única maneira de estar diante deles é vivê-los. E vivê-los não é conservá-los, é refazê-los. Talvez eu esteja sendo um pouco herético neste ponto, mas é esta uma das vantagens de eu não ter estudado teologia sistemática.

T.P.: Há um problema que aparece na proposta pedagógica da qual você faz parte, que é o relacionamento entre os participantes do processo. Esta problemática também aparece na prática pastoral. Por exemplo, o relacionamento do padre com o povo; do agente de pastoral com o povo; do pastor com os que fazem parte da Igreja. A problemática deste relacionamento tem sido muito debatida. Ao mesmo tempo que isto tem trazido muitos problemas; ficam incomodados porque não sabem o que dizer ao povo, porque o povo tem o que dizer a eles. E esta ambigüidade está muito presente nas Comunidades Eclesiais de Base, nas pastorais. Como você vê este problema?

P.F.: Eu penso que este problema deve ser colocado em vários níveis. No nível da relação professor-aluno, educador-educando, da relação pastor-fieis, a relação investigador e seus investigados. A relação liderança e classe. E a colocação deste problema nos leva necessariamente à análise de um ponto: o problema de um lado do *espontaneísmo*, não da *expontaneidade* — que é positiva — e de outro lado o problema da *manipulação*, do *dirigismo*. De um lado o *deixa estar prá ver como fica*, do outro o *manobrismo* e do *paternalismo* em que o afilhado fica sob controle. O destino do afilhado é determinado pelo projeto e pela vontade do padrinho. Na minha infância e juventude esta foi a regra no mundo católico, sobretudo nas zonas rurais. O padre determinava até os gostos privados das famílias. Isto é inviável hoje. Estou há quinze anos fora do Brasil mas não tenho dúvida nenhuma de dizer que isto agora é inviável. Quando eu deixei o Brasil em 1964 (ou melhor, quando fui deixado), já não era possível isto na maior parte da zona rural. Hoje

É uma concepção possessiva da Igreja: a de possuir o povo. Uma concepção purista porque tenta proteger o povo das outras forças sociais.

isto deve ser ainda mais inviável, sobretudo depois da larga experiência das Comunidades de Base que realizam certos anúncios de libertação. O problema está, no meu entender, em como não ser expontâneo não sendo manipulador. O pastor, o sacerdote e o agente não têm que ter vergonha de ser pastor, sacerdote e agente, professor ou intelectual. O problema todo se situa em como superar estas duas posturas falsas e erradas. Em outras palavras, em como estabelecer uma real comunicação com os grupos de base com os quais se trabalha. Como aprender, com eles, a superar as deformações do nosso sistema educacional que é um sistema de classes? Este é o problema crucial para nós, mas não tem dúvida que a própria prática nos está ensinando a superar qualquer uma destas duas formas.

T.P.: É o que se chama omissão e dirigismo?

P.F.: Exato.

T.P.: Você teme que agora com as chamadas aberturas democráticas do país esta caminhada da Igreja possa ser diminuída como a sofrida pelos processos sociais mais amplos ou esta caminhada prossegue apesar destes processos?

P.F.: Bem, eu preferiria dizer que espero que prossiga. E tenho confiança que prossiga. Não me parece fácil um recuo, apesar das tentações que possivelmente surgirão durante esta caminhada.

T.P.: Não será possível uma recuada, à medida em que a Igreja já viu alcançada algumas de suas metas como a abertura democrática (que não foi uma coisa gratuita mas uma coisa conquistada por outras forças sociais), não será possível que a Igreja se contente com estas conquistas e deixe que as outras forças sociais prossigam e ela mesma pare nisto?

P.F.: Como se ela pudesse, num certo momento, dizer adeus ao processo e sair dele. A minha esperança é de que este risco, que existe, seja vencido. Porque o que ocorre e tem ocorrido com as Igrejas no Brasil é que elas — que nunca estiveram fora da História — ganharam uma consciência muito crítica da sua inserção no processo. Hoje, penso que seria muito



difícil que elas se despedassem a si mesmas a despedida do processo. No meu entender se elas fizerem esta despedida em massa, arriscam-se a sair da História. E eu não creio que possam fazer isto. De outro lado, as fidelidades e o compromisso que se vem selando entre as igrejas enquanto instituições e as massas populares não podem e não creio que possam ser desfeitos. Então a despedida do processo significaria inclusive uma concepção falsa, errada e ingênuas do processo de libertação como algo a terminar amanhã ou terminar hoje. Como se a busca fosse em função de um alvo tão limitado. E agora parafraseando Amílcar Cabral, líder da Guiné, que diz que o processo de libertação é ao mesmo tempo um fato cultural e um fator de cultura. No momento em que as igrejas se inserem num processo de libertação como se inseriram elas viveram este processo não apenas como um fato cultural, religioso e político mas este fato cultural, religioso e político histórico se transformou também num fator a mais de mais libertação. Então, é impossível recuar, no meu entender. Ou melhor, espero que não recue porque não é fácil recuar.

T.P.: Já que isto é quase impossível, como você vê a tentação que ela pode ter de querer dirigir o processo. Dela querer a hegemonia do processo?

P.F.: Isto seria, no meu entender, um erro que significaria um saudosismo, uma nostalgia do poder. Penso que as igrejas precisam se convencer de que quanto

mais libertado esteja o povo de Deus tanto mais autenticamente mães elas serão. E quanto mais domesticado ele esteja, sobretudo por ela, tanto mais em madrastas elas se transformarão. E eu não creio que a experiência desta caminhada de libertação permita esta tentação às nossas igrejas.

T.P.: A própria caminhada, como você mesmo disse, é um fator de cultura. Ou seja, a experiência desta caminhada que vai sendo acumulada, as lutas que vão acontecendo transformam as pessoas que se engajaram neste processo. E esta transformação não é uma transformação que se possa de repente parar e recuar novamente. O que se espera da Igreja, que avançou a partir de uma proposta inicial, é que aprofunde este compromisso e o faça avançar. Pois este compromisso transcende a Igreja institucional porque é com o povo todo. E por ser com o povo todo não tem como recuar e nem como tentar dirigir, porque tentar dirigir é uma outra posição elitista.

P.F.: É uma concepção possessiva da Igreja: a de possuir o povo. Uma concepção purista porque tenta proteger o povo das outras forças sociais.

T.P.: Quando você voltar para o Brasil a pastoral popular está esperando que você seja um dos componentes desta pastoral popular e que o ser relacionamento não seja só com as universidades, mas que você esteja desafiado a se integrar mais do que já estava, porque você nunca deixou de se integrar nesta caminhada da Igreja.

P.F.: A minha resposta a você e aos leitores de *Tempo e Presença* é uma resposta de compromisso. E digo mais, para mim o fundamental é isto e não a universidade. E espero que as universidades me compreendam e não fiquem tristes. O que eu venho tentando ser na vida, às vezes para surpresa de muita gente que considera paradoxal e mesmo contraditório — e eu sempre digo que eu tenho o direito de ser contraditório enquanto homem procurando ser cristão — é dar uma contribuição mais e mais nesta linha e então a minha resposta é a de que realmente podem contar com o mínimo de que sou capaz com os outros. E penso em voltar no começo do ano.

Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos

(Notas de Paulo Freire para
4 jovens seminaristas alemães)
Texto inédito,
escrito em Genebra em 1977.

...vou posso palavras em termos do ato de conhecer os Evangelhos, praticando-as como a melhor forma de ensiná-los.

Costumo dizer que, independentemente de nós, para Cristo em que sempre escravos estavam, Cristo tem como é, para mim, sem exemplo de Pedagogo. Ele tinha muita infância longínqua, mas ainda de cativante em que era uma bondade, um ingênuo e verdadeiro falante das lacunas das almas perdidas, das pessoas que se sentiam desprotegidas, alienadas, desfeitas, o mundo que Tornava, o que vivia realmente em mim era a bondade grande, e na bondade de amor, seu escravos, que o Cristo nos testemunhava.

Menino ainda, jovem depois, homem afinal, seu festejo, contudo, o sentimento de sempre, seu sentimento e sua forma, nos Evangelhos, a indissociabilidade entre seu conteúdo e o sentido. Como o Cristo foi comunicando. E assim de Cristo não era uma rodaiva, era o de Jesus, Jesus sempre de si, julgando: "o mestre de Jesus é verdade, finge-se, é aí que simplesmente transfigura a Verdade. Ele mesmo. Ele que se fez carne, História viva, sua pedagogia era a de testemunho de uma Presença. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo, a palavra que dito transfigurava sua palavra que dito dela se despediu fez, mas essa palavra que sempre estaria, sempre. Esta palavra jamais poderia ser apreendida se não fosse igualmente sua apreendida se não fosse igualmente por sua "encarnada" faz o convite que Cristo nos fez e porque nos fez continuamente fazer - o de conhecer a verdade de sua mensagem na prática de seus mais mínimos pormenores.

Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO.

Costumo dizer que, independentemente da posição cristã em que sempre procurei estar, Cristo seria, como é, para mim um exemplo de Pedagogo.

Na minha infância longínqua, nas aulas de catecismo, em que um saudoso mas ingênuo sacerdote falava da danação das almas perdidas para sempre no fogo de um inferno eterno, não obstante o medo que me tomava, o que ficava realmente em mim era a bondade grande, e na bondade grande, a valentia de amar, sem limites, que o Cristo nos testemunhava.

Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indissociabilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impo-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, Verbo que se fez carne, História viva, sua pedagogia era o testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciarava. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo, a palavra que d'Ele emanava não poderia ser uma palavra que, dita, dela se dissesse que foi, mas uma palavra que sempre estaria sendo. Esta palavra jamais poderia ser apreendida se não fosse igualmente sua apreendida se não fosse igualmente por sua "encarnada" faz o convite que Cristo nos fez e porque nos fez continuamente fazer - o de conhecer a verdade de sua mensagem na prática de seus mais mínimos pormenores.

Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO.

Não posso conhecer os Evangelhos se os torno como palavras que puramente "aterrisam" em meu ser ou

se, considerando-me um espaço vazio, pretendo enchê-lo com elas. Esta seria a melhor maneira de burocratizar a Palavra, de esvaziá-la, de negá-la, de roubar-lhe o dinamismo do eterno estar sendo para transformá-la na expressão de um rito formal. Pelo contrário, conheço os Evangelhos, bem ou mal, na medida em que, bem ou mal, os vivo. Experimento-os e neles me experimento na prática social de que participo historicamente, com os seres humanos. Daí a aventura arriscada que é aprendê-los e ensiná-los, enquanto um ato indicotomizável; daí o medo quase sempre incontido que nos assalta ao escutar o chamamento do Cristo à prática de Sua mensagem; daí as rationalizações intelectualistas em que caímos e com que opacisamos a Transparência; daí que falamos tanto da BOA NOVA, sem a denúncia do mau contexto que obstaculiza a efetivação da BOA NOVA; daí que separamos Salvação de Libertação; daí, finalmente, que nos "arquivamos" num tradicionalismo ou num modernismo - maneira de sermos mais eficientemente tradicionais alienadores, recusando o estar sendo para poder ser o que caracteriza a verdadeira posição profética.

Conhecer os Evangelhos enquanto busco praticá-los, nos limites que a minha própria finitude me impõe é, assim, a melhor forma que tenho para ensiná-los. Neste sentido é que somente a prática de quem se sabe humildemente um eterno aprendiz, um educando permanente da Palavra, lhe confere autoridade, no ato de aprendê-la e de ensiná-la.

Autoridade, por isto mesmo, que jamais se alonga em autoritarismo.

Este, pelo contrário, é sempre a expressão da redução da Palavra a mero som - não mais PALAVRAÇÃO - e a negação, portanto, do testemunho pedagógico do Cristo.

Aconteceu

REUNIÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA AMÉRICA LATINA

Em reunião a ser realizada na Dinamarca sobre a violação dos direitos humanos na América Latina, dá-se um enfoque especial sobre a participação da Igreja do Brasil nesta luta pelo respeito da dignidade humana. Lembrou-se que inegavelmente a luta pelos direitos humanos também tem sido usado em determinados momentos históricos como um instrumento eficaz de luta por melhores condições de justiça.

Neste sentido a defesa dos direitos humanos precisa ultrapassar sua dimensão individual e local e compreender que as consequências que chocam e sensibilizam a opinião pública mundial são motivados por razões estruturais

de âmbito nacional e internacional, que indicam relações sociais de exploração, onde classes sociais e nações se enriquecem e dominam à custa da exploração do trabalho e da miséria de milhões de pessoas.

Lembrou-se ainda que no Brasil a problemática dos direitos humanos não pode reduzir-se a uma questão de minorias, pois a maior parte da população não tem condições dignas de vida. E alertou-se que a Igreja não é um bloco monolítico que toma posição uniforme frente à problemática dos direitos humanos. Constatou-se que a dimensão ecumênica dos problemas da luta pela justiça tem levado as Igrejas a empreenderem ações conjuntas e que isto tem sido altamente positivo para o diálogo ecumônico.

VIOLÊNCIAS SE INTENSIFICAM NO NORTE DE GOIÁS

A C.P.T. (Comissão Pastoral da Terra) denunciou no dia 1º de outubro, em Brasília, que um helicóptero militar, côn verde oliva, lançou cinco bombas nos arredores de Sampaio, no norte de Goiás, para atemorizar os posseiros da região que resistem às ordens de despejo das terras que ocupam. O bombardeio provocou a morte de um homem idoso, de uma mulher convalescente e causou vários abortos. Ricardo Resende Figueira, representante da CPT na região Araguaia-Tocantins, depois de apresentar os fragmentos de uma das bombas, disse que depois do bombar-

deio, o helicóptero desceu num campo de futebol e deles saíram cinco homens armados de metalhadora que ameaçaram bombardear diretamente a cidade se os posseiros continuassem nas fazendas.

Em documento entregue à CNBB, a CPT adverte a um iminente confronto armado que deverá ocorrer à qualquer momento entre posseiros, grileiros e fazendeiros da região, se o governo não assumir a responsabilidade pelos conflitos que já se verificaram, sobretudo no município de Conceição do Araguaia.

A CPT defende uma reforma agrária radical "realizada a partir do povo, dirigida pelo povo", como única solução para terminar a tensão social na região.

CHEGADA DE ARRAES

O ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, foi recebido no aeroporto do Rio de Janeiro por cerca de mil pessoas que aí permaneceram algumas horas e assistiram a dois pronunciamentos de improviso. Posteriormente, Arraes embarcou para o Crato (Ceará) sua cidade natal, onde foi acolhido por mais duas mil pessoas.

No dia 17 de setembro, já em Recife, na presença de uma multidão que oscila de 50 mil a 100 mil pessoas, segundo os cálculos de diversos jornais, foi realizado um grande comício. No evento, o ex-governador do estado, defendeu a idéia de que "o centro de trabalho de todas as oposições, as que estão dentro e as que estão fora do quadro partidário, deve ser a organização do povo".

Onze oradores falaram, todos defendendo a unidade do MDB e a luta contra o arbítrio.

O líder sindical Lula, afirmou que a "classe trabalhadora tem de participar de todas



as decisões políticas e de ser conhecida como força viva, em igualdade de condições".

Arraes prestou homenagem ao povo brasileiro, aos milhares de presos, os que continuam exilados, aos trabalhadores, ao sindicalismo novo a partir de cuja movimentação nas recentes greves, começaram a dobrar os sinos pelo fim da ditadura, aos camponeses, às igrejas, à resistência democrática, aos estudantes, às oposições sindicais, aos jornalistas, aos intelectuais, ao MDB, à Argélia (país onde esteve exilado) e aos antifascistas do mundo inteiro".

BISPO DE JUAZEIRO FAZ ADVERTÊNCIA

D. José Rodrigues, bispo de Juazeiro (BA), disse em Salvador, na Semana da Terra, realizada pelo Diretório Acadêmico do Instituto de Teologia de Salvador, com o propósito de fazer um levantamento da situação real de milhares de camponeses do Estado, que o caso Sobradinho não deveria se repetir, ao informar que as populações

de Rodelas (BA) e Petrolândia (PE), já começam a inquietar-se com a construção da barragem de Itaparica, que implicaria nova relocação de moradores de áreas atingidas pelo Rio São Francisco.

D. José afirmou que as inquietações pelas quais passaram e passam as 72 mil que tiveram que abandonar a região de Sobradinho e começar a vida praticamente sem nada em outras cidades.

PADRE É PERSEGUIDO EM GOIÁS

A Comissão Pastoral da Terra – CPT – através do Regional Centro Sul de Goiás, acusou o deputado goiano Rezenda Montouto, o promotor Frederico Gallambeck e o delegado de Piranhas, Antônio Francisco de Souza, de tentativa de sequestro do vigário da cidade, padre Ilgo, que vinha sendo constantemente interrompido em seu sermão por aquele promotor, sob alegação de que o que dizia “não constava na Bíblia”. Posteriormente houve intensas pressões contra o vigário, como a criação de uma organização particular para difamar seu trabalho, culminando com a tentativa de sequestro.

DOM ALOISIO CONDENA PLANO DO GOVERNO CONTRA AS SECAS

D. Aloisio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, afirmou no dia 9 de setembro, que o plano de Emergência de Combate aos efeitos da Seca, que está sendo executado pela SUDENE e governos estaduais para atender os flagelados afetados pelo longo período de seca no nordeste, “tem servido mais ao patrão do que ao trabalhador”, já que o plano faz do patrão um juiz e um fiscal, pondo nas suas mãos a sorte dos operários. Esta constatação, entre outras, estão sendo reunidas em um documento que deverá ser analisado por 14 bispos de 8 dioceses cearenses em Meuroca, (CE).

NOVO BISPO DE DIOCESE BAHIANA SE COMPROMETE NA LUTA DOS OPRIMIDOS

A diocese bahiana de Barreiras, região do Alto São Francisco, possui o mais jovem bispo do Brasil, trata-se de D. Ricardo Werberger, de 39 anos e que foi sagrado no dia 26 de agosto. Na ocasião de sua escolha, D. Ricardo afirmou que “é muito importante, nesse momento, a presença da Igreja na vida nacional, para que o desenvolvimento, principalmente econômico, não atinja apenas uns poucos privilegiados, mas a todos sem distinção”. Em sua ação pastoral o novo bispo se comprometeu em chamar a atenção das comunidades para as injustiças sociais e em buscar recursos, para atender as regiões afastadas, pois “o índice de pobreza é muito grande e a grilagem é um dos problemas mais sérios a serem enfrentados”.

COMUNIDADE DA PERIFERIA DE CURITIBA SE UNEM EM MUTIRÔES, CONTRA O CUSTO DE VIDA

Moradores de 26 comunidades da periferia de Curitiba (PR), unidos em associações, encontraram uma fórmula para a compra de alimento barato: aliaram-se aos pequenos produtores de hortifrutigranjeiros da Região Metropolitana de Curitiba e litoral, e vão comprar os produtos básicos diretamente sem ação de intermediários. Cerca de 100 mil pessoas estão sendo beneficiadas, e a decisão teve seu embrião nos 4 centros comunitários, criados pela Igreja, onde as compras são feitas em mutirões. Um exemplo, se o tomate é vendido a Cr\$ 5,00 o quilo ao intermediário, que o revenderá a até Cr\$ 18, ou Cr\$ 20, o produtor poderá entregá-lo agora por Cr\$ 7,00 ou Cr\$ 8,00 até menos, e o consumidor ganhar até 100% na compra.

DENUNCIADAS VIOLÊNCIAS EM GOIÁS

Através de duas cartas divulgadas à imprensa no dia 29 de agosto, denunciando o ataque a posseiros e a parcialidade da justiça nas regiões do Tocantins e Araguaia, no norte de Goiás. Uma das cartas é o documento final da II Assembléia Regional da CPT (Comissão Pastoral da Terra), Tocantins, Araguaia, assinada pelo bispo D. Celso Pereira de Almeida. Nela, bispos, sacerdotes, religiosos, agentes de pastoral e lavradores afirmam que naquela região, diariamente os moradores são expulsos, humilhados, presos e jogados à beira das estradas pelos grileiros sempre encobertos por uma Justiça

falsa e por policiais inescrupulosos. A C.P.T. denuncia também que D. José Hanrahan, bispo de Conceição do Araguaia, já foi indicado em inquérito juntamente com o advogado Paulo Fontelles, o agente de pastoral Ricardo Resende Figueiras e vários lavradores da região. Contra eles pesa um infundado inquérito policial aberto à pedido de fazendeiros, onde são acusados de mandar os lavradores invadir terras consideradas dos fazendeiros. O documento lembra que o sequestro do missionário Nicola Arpini no mês passado, acrescentando que juntamente com o sequestro do missionário houve na região de Tocantins uma repressão violentíssima contra os lavradores.



CHEGADA DE BRIZOLA

O ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, chegou ao Brasil via Foz do Iguaçu e São Borja, onde o esperavam 3 mil pessoas.

Em seus primeiros pronunciamentos, elogiou a intensão conciliadora do presidente Figueiredo, criticando apenas a lentidão do ritmo democratizante.

Afirmou também que estava disposto a conversar com os líderes sindicais envolvidos nas articulações do PR, assim como com o MDB e com o governo.

A chegada do Sr. Brizola, mereceu ampla cobertura da imprensa onde a ênfase recaiu na intenção do ex-governador em rearticular o antigo PTB, cujo quartel general deverá se instalar no Rio de Janeiro.

Dando continuidade às articulações políticas que vem realizando o Sr. Leonel Brizola chegou ao Rio de Janeiro, sendo recepcionado por cerca de 1.500 pessoas.

Pronunciou-se em defesa da entrada do Brasil na área nuclear “mas existem várias maneiras de ingressar nesse campo, com a necessária cautela”, disse.

Falou ainda acerca do PT, considerando que não constitui um fator de divisão “pois o PTB não pretende abrigar a todos os trabalhadores por não se considerar o dono da verdade”.

A uma pergunta sobre o “chaguismo” respondeu admitindo que a área do MDB no Estado do Rio é muito oprimida, assinalando que não pretende conviver com o árbitrio.

REFLEXÕES COM TODOS OS BRASILEIROS

O texto "Subsídios para uma Política Social", preparado pela Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB e datado de 30 de agosto, foi dado a público na véspera do 7 de setembro. Ao entregá-lo à imprensa em Brasília, o presidente Dom Ivo Lorscheider destacou a sua importância como "um estudo destinado a ajudar a compreensão da crise atual e a oferecer subsídios para sua superação", como afirma de início o documento, lembrando que "toda injustiça social tem uma dimensão ética, enquanto tem sua origem última numa situação de pecado, da qual todos somos responsáveis... Nossa preocupação é procurar concretizar para o Brasil o grave compromisso que, com o episcopado latino-americano, assumimos em Puebla para com os pobres, a exemplo de Cristo". Os parágrafos 6 a 25 descrevem o "desenvolvimento brasileiro", salientando que "o Brasil atravessa uma fase de transição política... Sabemos o que deixamos, mas não se define com clareza aonde devemos chegar, na medida em que a reforma política, que teve grandes valores positivos com a revogação da legislação de exceção, vem agora sendo equacionada em termos quase que exclusivamente de reforma partidária, e esta vem sendo absorvida por estreitos cálculos de patrimônios eleitorais, sem que apareçam definições claras de programas consistentes... A política econômica brasileira historicamente funcionou, atingindo até mesmo por vezes taxas miraculosas de crescimento, mas sempre apoiada sobre uma injustiça estrutural. Durante muito tempo a economia foi bem ou supostamente bem, e o povo realmente mal.

Hoje são poucos os que podem contestar que ambos vão mal".

Os parágrafos 9, 10 e 11 demonstram estatisticamente que "o leque das remunerações atinge no Brasil uma dispersão, que constitui por si mesma uma afronta aos pobres... A diferença da renda média dos 5% mais ricos que, em 1960, era quase 17 vezes maior do que a renda dos 50% mais pobres, passou em 1976 a ser mais de 33 vezes maior". "A política econômica privilegiou o consumo privilizado... ofereceu vantagens aos investimentos estrangei-

flitos atendem às urgências de setores mais organizados, mas não corrigem a injustiça estrutural que afeta aos milhões daqueles que não têm condições de se organizarem em grupo de pressão... No Brasil, existe fome, subnutrição, como vem sendo revelado dramaticamente pelas pesquisas do IBGE. E nem por isso a dívida externa diminuiu". Sob o título: "O que se espera de uma nova política", se afirma que "ela seja pensada em função do homem, que crie condições reais para a valorização desse homem e elimine a injustiça estrutural



CORRE, SEVERINO!
AQUELA ESTATÍSTICA
JÁ NOS VIU!!!



ros, especialmente das empresas transnacionais... privilegiou o capital financeiro, em relação ao investimento diretamente produtivo... incentivou investimentos faraônicos e ostentatórios, ao preço de um aumento contínuo da dívida interna... As consequências dessa situação já se fazem sentir. A política está sendo corrigida à base de conflitos, na medida em que outros meios de correção não foram tolerados ou se revelaram ineficazes... As correções obtidas a preço de con-

que nos levou à situação da qual todos sofremos... Não há exagero em afirmar que o ilusório milagre brasileiro foi pago em grande parte pela erosão dos salários do pobre, pelo arrocho salarial por ele sofrido durante tantos anos... A proteção dos salários reais depende basicamente da estabilidade dos preços do consumo básico das classes desfavorecidas... Não há mais possibilidade de resolver os problemas dos grandes centros urbanos, enquanto o volume total do que é gasto no

consumo privado for incomparavelmente maior do que é investido nos serviços públicos... Não podemos omitir aqui uma palavra sobre o escândalo das condições sub-humanas em que vivem as populações das periferias urbanas e das favelas... O homem do campo, expulso de sua terra, fica facilmente atraído pela vida da cidade. Mas não encontra os metros de chão para colocar sua casa... O problema não é infinito e ele terminará quando, regulado o estatuto do uso e da posse do solo urbano e criadas as condições mínimas de urbanização das favelas, crie-se também as condições mínimas de urbanizar os favelados. A sociedade clama contra a delinquência infantil e juvenil, mas não se escandaliza com o imenso contingente de menores que fazem da rua a sua escola. Na verdade, não seria difícil, sobretudo em vários Estados da Federação, reformular a vida escolar em termos de tempo integral... Impõe-se uma séria revisão da política da terra e da estrutura fundiária, no sentido de garantir, de imediato, a permanência na terra daqueles que nela trabalham... Devemos por fim enfatizar um fator decisivo: Nenhuma política social será eficaz nem criadora enquanto não fizer apelo aos vitalmente nele interessados, enquanto não se criarem mecanismos atuantes de participação, inclusive dos analfabetos, através de uma autêntica liberdade e autonomia sindical, especialmente enquanto não se reconhecer e aceitar o crescimento da organização de um povo que vem criando seus canais de participação, de teorias; o povo vive ou morre de realidades. É nossa convicção que chegou o momento de questionarmos com liberdade e realismo o próprio tipo de desenvolvimento que inspira nossa política".

BISPO DE JUAZEIRO DENUNCIA AÇÃO DO CCC NA DIOCESE

D. José Rodrigues, no dia 20 de agosto, tornou público através da imprensa de Salvador (BA), a invasão do Clube Brasinha, da diocese de Juazeiro, a 500 quilômetros de Salvador, por um grupo do Comando de Caça aos Comunistas liderado pelo funcionário da agência local do Banco do Brasil, Otacilio Nunes de Souza, que ameaçou de morte cerca de 10 estudantes da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco que se encontravam reunidos no local, acusando-os de serem comunistas e subversivos.

LUTERANOS POSICIONAM-SE FRENTE À POLÍTICA PARTIDÁRIA

"A Igreja não deve fazer política partidária mas deve dar ao povo consciência das injustiças sociais para que ele possa adotar posições críticas". Essa afirmação é do presidente da Federação Luterana Mundial, bispo de Tanzânia que está em Porto Alegre, acompanhado pelo Secretário Geral da Federação para visitar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

JAULAS SERVEM DE PRISÃO

O exemplo mais recente de envolvimento policial é o do cabo Muniz, do Batalhão de Guardas de Marabá que, ao assassinar um lavrador, não lhe foi movida nenhuma ação pelo delegado da Comarca. Posteriormente, Muniz adquiriu uma jaula de prender animais e instalou-a no quintal de sua casa e costuma deter as pessoas que prende. Para soltá-las cobra 300 cruzeiros...



JESUÍTA É AMEAÇADO DE EXPULSÃO NA BAHIA

O padre jesuítico Manoel Andrés Matos foi intimado a comparecer no dia 23 de setembro à Polícia Federal de Salvador quando foi formalmente notificado do processo de expulsão do país, instaurado por ordem do Ministério da Justiça.

O padre Andrés está há 20 anos no Brasil e é membro do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) e é pároco de uma comunidade de pescadores em Salinas da Margarida, no interior baiano. Sem saber dos motivos que levaram o Ministério da Justiça a pedir sua expulsão, ele supõe que o fato esteja ligado à invasão do IBRADES (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), em 1971 onde era professor de História do Pensamento Social e seus alunos agentes de pastoral, membros de sindicatos e dirigentes populares que

recebiam noções de economia e política. O CEAS divulgou nota afirmando que o caso do jesuítico espanhol evidencia mais das restrições do projeto de anistia concedido pelo Governo e chamando atenção ao relatório elaborado pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), do Rio de Janeiro, apresentado na recente conferência de Puebla que registra cerca de 50 casos de membros da Igreja que foram atingidos pela repressão de diversas formas que variavam entre prisões, sequestros, mortes e processos de banimentos e expulsões.

No dia 28 de setembro, depois de entendimentos de D. Avelar Brandão Vilela com o Ministro da Justiça, assessores da arquidiocese de Salvador garantiram que nada deverá acontecer ao religioso.

VOLTA DOS LÍDERES DO PCB

Os ex-líderes sindicais, Gregório Bezerra, Lindolfo Silva, Luis Tenório e Hercules Correa, todos membros do Comitê Central do PCB, foram recebidos por mais de 500 pessoas no aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro. G. Bezerra discursou defendendo a unidade das oposições em torno do MDB e a legalização do PCB.

Em São Paulo, os líderes do PCB foram recebidos por cerca de 2 mil pessoas, que aos gritos defenderam a legalização do partido. A multidão seguiu em passeata do aeroporto de Congonhas até a sede do Sindicato dos Aeroportuários de São Paulo, onde se realizou um coquetel em homenagem à volta dos exilados. O ato foi presidido por David Capistrano Filho e contou com a presença de vários líderes sindicais e parlamentares. G. Bezerra defendeu a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Afirmando que seu partido luta pela unidade de todas as correntes de oposição, pediu apoio ao MDB, "única força legalmente organizada".

FAMÍLIAS DE COLONOS VIVEM NA MISÉRIA

As famílias dos colonos expulsas em outubro do ano passado da reserva indígena de Nononai, vivem na absoluta miséria. Elas receberam terras do governo no município de Bagé. Aquelas famílias que não puderam pagá-las não foram cadastradas pelo INCRA e não receberam as propriedades e agora perambulam pelos municípios da região em busca de emprego. No período de entressafra a oferta de trabalho é mínima e isto agrava ainda mais a situação.

DOM PAULO EVARISTO ARNS RESPONDE ÀS ACUSAÇÕES

O líder comunista Gregório Bezerra compareceu à missa na catedral da Sé, no domingo, 30 de setembro para agradecer ao cardeal D. Paulo Evaristo Arns pela sua "perseverante luta em defesa dos direitos humanos e contra a exploração dos oprimidos". Após a missa D. Paulo recebeu o líder camponês de quem recebeu um ramo de flores. Dom Paulo afirmou "estar gratificado com a volta de todos os brasileiros"

Este encontro de D. Paulo e Gregório Bezerra foi motivo de um editorial de o Globo com o título "Flores de Moscou", onde D. Paulo é violentamente acusado de estar à serviço do comunismo. Dom Paulo respondeu a esta acusação com uma matéria no jornal diocesano O SÃO PAULO e um telegrama de solidariedade dos bispos auxiliares da Diocese enviado ao diretor de O GLOBO.

Segundo o jornal O SÃO PAULO, o encontro foi casual. Gregório Bezerra apare-

ceu na sacristia sem se fazer anunciar. D. Paulo perguntou-lhe: — Tens coragem de vir à Igreja? — Sim, respondeu ele, para agradecer tudo o que o Sr. fez em defesa dos injustiçados e oprimidos. Ao que D. Paulo respondeu: — Pedirei a Deus que nos proteja e nos mostre os caminhos para uma sociedade fraterna. Gregório Bezerra ausentou-se por uns instantes e depois voltou com um maço de flores secas. D. Paulo repetiu: Vou rezar a Deus para que nossos campos floreçam pelo bem do nosso povo, e que possamos encontrar caminhos de paz e fraternidade para todos desta terra.

D. Paulo Arns escreveu n'O SÃO PAULO: "Recebi Gregório Bezerra assim como recebo a todos os que me procuram, independentemente de sua origem, religião e ideologia. E o abracei ao ver aquele ancião sofrido, com a esperança de ver dissipados quaisquer rancores. E não poderia agir de outro modo, como filho de São Francisco, como pastor de São Paulo e como cristão, cujo dever também é promover a reconciliação".

CIMI DENUNCIA PRISÃO DE PADRES

O Regional Norte-1 divulgou nota afirmando que a prisão dos padres Renato Barth e Albano Ternus, efetuada pela Polícia Militar do Amazonas, na segunda quinzena de setembro, "não é ato isolado, mas faz parte de um pacote de medidas contra os setores da Igreja engajados na luta do marginalizado". A Polícia Militar alega que os padres foram presos porque fotografavam o despejo dos moradores das terras da Serra Azul —

Capim Santo, em Manaus. O CIMI denuncia, no entanto, que "os dois jesuítas foram presos porque se engajaram na justa luta dos moradores do Capim Santo pelo direito de ter um espaço onde habitar". A nota acentua que "a prisão arbitrária dos dois agentes da Comissão Pastoral da Terra" mostra ao povo que o governo não quer promover "uma verdadeira abertura" e mais uma vez põe a nu o problema dos favelados de Manaus, obrigados a andar errantes em busca de terra para morar".

GRILAGEM EXPULSA FAMÍLIAS INTEIRAS

No quilômetro 95 da BELÉM-MARABÁ, quase uma centena de famílias de lavradores foram expulsas pelo grileiro Brasilino Rodrigues, que contou com o auxílio da Policia. A ELETRONORTE — empresa encarregada da construção da barragem de Tucuruí — vem sendo autora de atos bárbaros de grilagem. A empresa nega-se a regularizar a situação de 96 famílias com direito a posse da terra, transferidas, por causa da construção da barragem, para uma área doada pelo INCRA. Segundo o advogado Paulo Fontelles — defensor dos lavradores — a ELETRONORTE não tem nenhuma autoridade para impedir que os lavradores trabalhem nas suas terras.

PADRE DENUNCIA TRABALHO ESCRAVO NA ÁREA DO PROJETO JARI

Atraídos pela promessa de que terão casa, comida, salário alto e recebendo Cr\$ 1 mil de adiantamento, homens e mulheres estão sendo transportados, em barcos fretados dos municípios de Tutoia e Barreirinhas (MA) para Belém (PA) e, de lá, até a área do Projeto Jari, onde são escravizados e submetidos a trabalho forçado. A denúncia feita no dia 15 de setembro, pelo Padre Hélio Maranhão, de Tutoia, que descobriu a escravidão branca, segundo afirma, ao conversar com um "intermediário" que alicia trabalhadores do interior do Maranhão em nome da Embras M. Dourados da Jari.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA ENCERRA ASSEMBLÉIA REITERANDO LUTA PELA JUSTIÇA

A carta final de encerramento da 2ª Assembléia Nacional da Comissão Pastoral da Terra, encerrada no dia 29 de setembro em Goiânia, afirma que "é grave a situação da posse e do uso da terra em nosso país e é preciso urgentemente encontrar os caminhos capazes de conduzir os agricultores, os pescadores e os garimpeiros à terra prometida da liberdade e da justiça".

O documento se propõe a estabelecer um tipo de trabalho que leve os trabalhadores a conhecerem as leis, a denunciarem a devastação da Amazônia, a apoiar a luta dos pescadores e a lutarem, através de movimentos de pressão

contra o uso indiscriminado de produtos químicos na agricultura. A conferência decidiu ainda, continuar apoiando o sindicato como órgão dos trabalhadores, incentivando a participação e a valorização da oposição sindical, sempre que esta queira mudar a estrutura vigente. Propõem-se a lutar para que o Funrural seja de fato uma forma do Estado devolver ao povo o muito que é entregue a ele na forma de imposto, taxas e produtos.

Em relação à luta, o documento reafirma um novo compromisso da Igreja ao lado do povo "tendo em vista que temos sido traídos, enganados por muitos políticos. Por isso, vamos neste momento de reforma política e criação de novos partidos, participar para que as velhas raposas não apareçam com pele de ovelhas".



MISSA-DA-TERRA-SEM-MALES NO SOLO DO DEMÔNIO ANHANGUERA

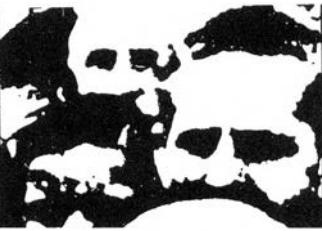
No dia 7 de outubro, em comemoração à morte de Simão Bororo, assassinado pelos fazendeiros durante a invasão da Missão de Meruri no Mato Grosso em 1976, realizou-se em Goiânia, a Missa-da-terra-sem-males escrita por D. Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra e musicada por Martin Coplas. Concelebraram com o Arcebispo de Goiânia, D. Fernando, D. Tomás Balduíno e D. Pedro Casaldáliga, além de representantes da CNBB e do CIMI. Estavam presentes no

estádio municipal de Goiânia cerca de 3 mil pessoas representantes das Comunidades de Base de quase todo o Brasil. Presentes ainda a mãe e a irmã de Simão Bororo e mais representantes de 20 nações indígenas. A Missa foi ao mesmo tempo um momento de reflexão e denúncia e durante quase quatro horas desfilaram ante os olhos da comunidade reunida os anos de extermínio das nações indígenas. O momento de grande emoção foi quando Mílton Nascimento, representando a raça negra, também espoliada e oprimida, e os cantores compri-

metidos com a causa do povo, cantou durante a comunhão acompanhado pelas comunidades. D. Pedro Casaldáliga havia convidado Mílton Nascimento para efetivar um antigo projeto seu: o de escrever, juntamente com Pedro Tierra, a Missa dos Quilombos. Esta Missa celebrará a construção de Palmares e a realização de uma sociedade comunitária que durou cerca de 100 anos. Esta nova Missa está prevista para o mês de outubro de 1980, no Recife, na praça onde foi exposta a cabeça de Zumbi, líder negro dos quilombos.

NO CEARÁ 30 MIL PESSOAS FAZEM CAMINHADA DA LIBERTAÇÃO

No dia 9 de agosto, cerca de 30 mil pessoas, na sua maioria, pequenos proprietários, posseiros e assalariados rurais, participaram da grande caminhada da libertação, uma romaria que comemorou os 15 anos de existência da diocese de Cratéus (CE), e que acabou se transformando numa das maiores manifestações organizadas da história do Ceará. Vindos de vários municípios, os romeiros caminharam 10 quilômetros até o estádio de Cratéus, com velas acesas e entoando canções. Em todos os lugares que param, eram lembrados os mandamentos dos romeiros: "Queremos terra na terra, já temos terra no céu"; "a riqueza dos pobres é a união"; "quem não reparte não se salva". A ocasião foi também a primeira vez, depois de 12 anos de censura, que o bispo D. Frágoso pôde fazer um pronunciamento através da rádio local, ao lado de D. Helder Câmara.



GRUPO DE IGREJAS EVANGÉLICAS PREPARA CONSULTA NACIONAL SOBRE EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL

As igrejas evangélicas membros do Conselho Mundial de Igrejas – Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Metodista, Igreja Episcopal e Igreja Pentecostal "Brasil para Cristo" – constituíram uma comissão organizadora de consulta nacional

sobre Evangelização a realizar-se em julho de 1980 na área do Rio de Janeiro ou São Paulo, que deverá reunir cerca de 150 participantes. Entidades ecumênicas como CESE, ISER, ASTE e CEDI deverão participar já que estão trabalhando na qualidade de assessores da Comissão Organizadora.

A Comissão Organizadora já preparou um documento básico e decidiu pela realiza-

ção de uma pré-consulta com a participação de 40 pessoas a realizar-se no Rio de Janeiro de 26 de fevereiro a 1º de março de 1980.

O coordenador da Consulta, assim como da pré-consulta, é o sr. Enilson Rocha Souza, coordenador da CESE que ofereceu às Igrejas membros do CIMI sua infraestrutura para a preparação de tal evento.

A pré-consulta visa levan-

tar subsídios para a Consulta maior e deverá tratar dentre outros os seguintes temas: A instituição eclesiástica e o Evangelho, Protestantismo e Cultura Brasileira, Ideologia e Poder no Brasil de Hoje, Economia e Estrutura Social Brasileira, Religiões e Religião Popular, História do Protestantismo Brasileiro, etc.

Para maiores informações: CESE, Caixa Postal 041, 40000 – Salvador, BA.

CARDEAL ARNS E A REFORMA AGRÁRIA

“Sem uma lei justa que vise em primeiro lugar ao bem de todos e não ao capitalismo, nada se pode fazer, porque, sem pressões ninguém deixa suas condições privilegiadas”, disse o Cardeal Arns em São Paulo, no dia 2 de setembro, ao defender a necessidade da reforma agrária, destacando que a salvação do Brasil vem de suas raízes rurais. Dom Paulo advertiu que ela não pode ser feita sem sindicatos autônomos, bem estruturados e que à medida implicará por parte do governo numa mudança do modelo econômico “onde em vez de apoio às grandes empresas e às multinacionais, deveria apoiar as empresas pequenas e médias, em todos os campos, tanto na agricultura como na indústria.

DOM PADIM AFIRMA QUE LEI DE SEGURANÇA NACIONAL AINDA CONTROLA AS AÇÕES DA IGREJA

D. Cândido Padim, bispo de Bauru (SP), declarou no dia 22 de agosto, durante seminário, que debateu as resoluções aprovadas em Puebla, que se realizou em Assis (SP), que a Lei de Segurança Nacional controlou e pode ainda controlar as ações da Igreja.

“Muitos documentos, certas pregações e o próprio livre agir da Igreja, dando ao povo consciência de seus direitos, foram interpretados como delitos contra a segurança nacional”. Para o bispo, o País precisa de uma lei que garanta às pessoas o direito de divergir legitimamente no plano político e não de uma Lei de Segurança Nacional que visa a segurança do governo e não das pessoas.

CNBB NEGA DENÚNCIAS E ACUSA PROPRIETÁRIOS DE SE VALEREM DA FORÇA

Contestando acusações de uma comissão de proprietários de terra em Marabá, no Pará, D. Luciano Mendes de Almeida, Secretário da CNBB afirmou no dia 13 de setembro, que não existe incitação dos posseiros à violência por parte da CPT (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA); existem, sim, proprietários que, em vez de se valer da força do direito, valem-se do direito da força, é a insatisfação diante de uma situação extrema, onde é lenta a aplicação da lei, o que desgasta os ânimos e cria condições insustentáveis de espera para os colonos sem terra.

MANIFESTAÇÃO EM RECIFE TEM PRESENÇA DE D. HELDER

Cerca de 2 mil pessoas se reuniram no último dia 31 de agosto, na Praça da Independência, em Recife, para cantar músicas de protesto e fazer denúncias que envolviam o custo de vida, o fechamento de 12 fábricas em Pernambuco, o peleguismo nos sindicatos, os baixos salários. Durante 3 horas, em cima de um caminhão, mais de 15 oradores falavam à multidão que empunhava faixas e cartazes contra o alto custo de vida. Entre os oradores, a maioria líderes sindicais, o estudante Eval Nunes da Silva — o Cajá — muito aplaudido, pediu a mudança do modelo econômico brasileiro para que o trabalhador possa ter condições de sobrevivência. A manifestação contou também com a presença de D. Helder Câmara. Ao final, a multidão cantou uma convocação ao povo à recepção do ex-governador pernambucano Miguel Arraes.

Falarão...

RESPOSTA À PERGUNTA

“O PROTESTANTISMO BRASILEIRO APROVOU A REVOLUÇÃO DE 1964”? FEITAS PELO PASTOR ROBERTO VICENTE THEMUDO LESSA.

1. Deputado Federal Joel Ferreira, do MDB do Amazonas, batista: *“Não digo 100% do protestantismo; mas, pelo que pude observar ao longo desses 15 anos, a maioria dos líderes evangélicos pendeu para o lado dos que dirigem o país, nesse tempo.”*

2. Jornalista Lavoisier Nunes de Castro, do “Correio da Paraíba”, de João Pessoa, PB, batista: *“O Protestantismo, como Religião séria, apoia, sempre, os governos legalmente constituídos. Se a Revolução de 1964 foi necessária, se ela foi benéfica para a Nação, claro que foi aprovada pelo Protestantismo.”*

3. Professora Yeda Leal da Costa, presbiteriana de Formosa, GO: *“Converti-me muito tarde. Tenho, assim, amigos crentes e não crentes. Tenho amigos pró-revolução de 64 e contra ela (e todos ferrenhos!) tanto entre os crentes como entre os não crentes. Ouvi pregações veladamente contra e veladamente a favor (a meu ver, uma indignidade fazer “coquetaria” com a revolução, pró ou contra). Mas a Igreja Evangélica, de um modo geral, é desinteressada pela política; após a revolução continuou na mesma. Isto considerando A Igreja, que, afinal, é o povo comum, o crente comum. Quanto à liderança, parece-me que, como meus amigos, ficou dividida.”*

4. Heloísa Ramos Maranhão, estudante presbiteriana de Bauru, SP: *“Foram prestados um louvor e obediência cegos à revolução. Não só aprovou e aplaudiu como participou — entregando seus próprios membros como subversivos. É bom não deixar que o tempo faça esquecer casos como o do presbítero Paulo Wright, entregue por seus “irmãos” e assassinado vergonhosamente. Atitudes anti-cristãs, de delação, expulsão de pastores e estudantes de seminários... é preciso cobrar responsabilidades da Igreja como instituição, pois Deus faz justiça também através dos homens.”*

5. Teólogo Rubem Azevedo Alves, professor da Universidade de Campinas, SP: *“Lógico. O Protestantismo se sente bem quando a Igreja Católica é perseguida. Sua índole é totalitária, seu apego à ordem e à disciplina, sua atitude servil frente às autoridades — todas elas instituídas por Deus — az do Protestantismo uma religião dócil ao totalitarismo. Veja a Alemanha Nazista.”*

6. Ana da Silva Lopes (pseudônimo), professora de uma cidade do interior de São Paulo, presbiteriana: *“Sim! Bem evidente.”*

7. Rev. Porfírio Queiros, pastor da Igreja Presbiteriana Fundamentalista de Recife, PE: *“POSITIVAMENTE SIM. À exceção de uns poucos agitadores plantados nos meios evangélicos e pessoas por eles influenciadas, OS EVANGÉLICOS, COMO UM TODO, FORAM UNÂIMES EM APOIAR A REVOLUÇÃO E SEUS IDEIAS. Devemos continuar a orar por ela e pelos nossos governantes para que não se desviem dos seus objetivos.”*

Vale a pena ler:

**ENFOQUES
MATERIALISTAS DA
BÍBLIA**
Michel Clévenot
Paz e Terra,
164 pp. 120,00

Depois que Fernando Belo publicou seu *Lecture Materialiste de l'Evangile de Marc*, chegou-se a dizer que "depois de Belo já não se pode ler a Bíblia como antes", dando seu caráter inovador na maneira de interpretar o Evangelho Segundo S. Marcos: à luz do materialismo histórico.

Que quer dizer isso? Quer dizer que a leitura (leitura no sentido que dão ao termo os estudiosos franceses, um significado próximo à exegese) da Bíblia passou a ser feita através da idéia com que Marx inspirou o famoso Manifesto de 1848, assim resumido por Engels no prólogo da edição daquele em alemão: "... o regime econômico da produção e a estruturação social que dele necessariamente deriva em cada época histórica, constitui a base sobre a qual assenta a história política e intelectual dessa época... portanto, toda a história da sociedade – uma vez dissolvido o primitivo regime de comunidade do solo – é uma história de luta de classes, de luta entre classes exploradoras e exploradas, dominantes e dominadoras... "Engels, aliás, já havia dado esse enfoque, à leitura da Bíblia, no seu *Contribuição para a História do Cristianismo Primitivo*, ao concluir que a prática messiânica de Jesus é uma prática revolucionária, uma prática de luta de classes.

Com base no método empregado por F. Belo, Michel Clévenot, seu amigo, decidiu despir a obra daquele do ecletismo metodológico, procurando ser mais simples e mais acessível, surgindo então este *Enfoques Materialistas da Bíblia*, o plural significando aqui que quanto às Escrituras só se pode pensar em *leituras*.

O autor, um estudioso respeitado, ex-vigário, lançou seu livro através das "Editions Cerf", cuja fidelidade à Igreja jamais foi negada e esse é, também, um dos aspectos interessantes desse pequeno livro que o autor considera uma continuação da pesquisa iniciada por Belo. Não se trata, não



obstante o esforço do autor, de leitura muito simples, pois exige-se uma boa dose de conhecimentos. Mas é, sem dúvida, muito mais acessível do que o estudo de Belo e também muito mais rico. Clévenot parte da idéia de que os textos que formam a Bíblia (*as Escrituras*) são produtos ideológicos. Ora, nas sociedades onde há classes a ideologia dominante é, em grande parte, a ideologia da classe dominante. Por outro lado, esses textos foram feitos por grupos sociais opositos e diversos e as sucessivas modificações sofridas, até o texto final, podem também ser obra de grupos sociais determinados. O projeto do autor, na primeira parte, é exatamente o de analisar as condições nas quais os textos foram produzidos.

Tarefa nada fácil já que esse projeto quer fugir de uma *leitura* idealista na qual a Bíblia é como uma palavra sagrada caída do céu. E isso exigiria que o autor lançasse mão do instrumento adequado, o materialismo histórico: assim, as Escrituras são por ele consideradas como produção ideológica de determinados grupos sociais, o que também permite esclarecer as próprias condições de produção, de circulação e de consumo do quadro histórico. Trabalho de peso que o autor consegue expor com clareza, permitindo-nos, por vezes, surpreender-nos em exercícios intelectuais inesperados.

Na segunda parte, "O Evangelho Segundo S. Marcos ou um Relato da Prática de Jesus" é que o autor exerce seu método de maneira já considerada por estudiosos como discutível. Mas é exatamente esta a parte em que a leitura se torna excitante.

D PAULO EVARISTO ARNS, O CARDEAL DO Povo
Getúlio Bittencourt e
Paulo Sergio Markum
Coleção História Imediata – N° 4
Alfa-Ômega,
76 pp. 45,00

"Reparem nas fotografias, mas reparem sobretudo no andar, no gesto, na voz e na expressão toda do operário, quanto ele ganhou por ter medido suas forças com a natureza, sem ter sido vencido pelo desânimo" (. . .) "A religião jamais deveria escravizar, senão à vontade de Deus. E esta mesma escravidão à vontade de Deus é a libertação de todas as forças e todos os dons, para a construção de um mundo sempre novo."

Estas duas citações de D. Paulo Evaristo Arns resumem o seu retrato bem traçado em *D. Paulo Evaristo Arns, o Cardeal do Povo* exatamente no que o volume tem de mais importante: mostrar, através da coleção de documentos jornalísticos, o necessário entrelaçamento da personalidade do religioso e da história em determinados momentos. Quer dizer, se para a religião de D. Paulo a solidariedade é valor primordial, seu exercício militante assume uma expressão humana e prática que universaliza o simples (no melhor sentido) exercício do caráter e da solidariedade.

Essa manifestação da individualidade no momento histórico que exige sua presença firme fica documentada através de uma biografia, entrevistas, um *ABC* de ci-

tações e uma série de documentos cuidadosamente recolhidos.

Não fica difícil, dessa forma, imaginar os dois percursos possíveis na vida do cardeal arcebispo de S. Paulo. Sua biografia registra a longa formação religiosa, que o caracteriza como "um tipo meditativo". A posição contemplativa não seria, a partir dessa formação, nada conflitante com sua fé. Salvo por um detalhe: o momento histórico em que vive, investido de um mandato religioso. Vê-se como é ele que passa a determinar sua tenaz perseguição da justiça, assumindo como instrumento esse próprio mandato: "Eu vou lá de qualquer jeito, senão eu excomungo você." O próprio poder de lançar anátemas transforma-se, para quem mergulha profundamente na sua convicção, em chave para penetrar nas masmorras, e verificar o que se passa nos desvãos da repressão.

Essa figura pública é bem retratada no volume, exatamente por não ter manipulada pelo trabalho jornalístico a multiplicidade de suas dimensões e o poder de centralizá-las na sua característica de homem religioso.

A integridade (ao sentido mais profundo) de D. Paulo fica ressaltada pela reportagem. Inclusive na sua incrível capacidade de transar em todas as áreas (*nenca com elas*) em nome dos princípios que defende. As cartas recebidas da família Carter, que abrem o volume são um exemplo, apenas discutível pelo destaque que lhes é dado. E o único reparo de importância que ocorre neste belo retrato de um "Cardeal do Povo" que não privilegia o interlocutor, mas o homem e seus objetivos.



Êxodo: a pedagogia da libertação

André Lanson*

"Chegado já à maturidade, Moisés, movido pela fé, renunciou ao seu título de "Filho da filha do Faraó"; e preferiu se afligir com o Povo de Deus que sofria a escravidão". (Hebreus: 11.24-25)

ESPERANÇA ENTRE OS DESESPERANÇADOS

SITUAÇÃO DOS ESCRAVOS NO EGITO

Um novo Rei tomou o poder no Egito. Não sabia nada de José, nem porque os israelitas estavam no Egito.

O povo de Deus vai surgir da escravidão, afirmado bem claramente que a vontade de Deus é libertar a todos os homens, a começar pelos que são esmagados na sociedade.

Um dia este Rei convocou seu Conselho e lhe disse: "Os filhos de Israel formam um povo mais numeroso que nós. Isto é perigoso. Em caso de guerra, podem-se unir aos nossos inimigos e conseguir sua liberdade. Portanto, temos que ser muito espertos com eles".

O homem privilegiado vive tranquilo, sempre preocupado que seu escravo consiga a liberdade. Daí sua astúcia para inventar mil maneiras de o manter para sempre na escravidão.

E mandou colocar à frente dos israelitas, capatazes com ordem de tornar-lhes a vida insuportável, com trabalhos pesados. Foi assim que se construíram para o Faraó as cidades de Piton e Ramsés.

A maior parte do fato e o ponto de partida da revolução parecem haver ocorrido na cidade de Ramsés, então em construção (ver Êxodo: 12, 37). Em Ramsés eram poucos os habitantes egípcios e muitos os escravos israelitas. Daí também maior tensão entre os dois grupos e mais fácil tomada de consciência da parte dos escravos, que eram a maioria.

Os privilegiados, aliás, sempre são minoria e os oprimidos a maioria.



Mas, quanto mais impossível se fazia a vida para os israelitas, mais eles se multiplicavam. Isso aumentava o medo que se tinha deles.

Não passa despercebido a ninguém o fato da multiplicação dos novos pobres, causa de preocupação para os povos ricos.

E os egípcios faziam a escravidão cada vez mais cruel, com o trabalho da fabricação de tijolos e do campo, obrigando-os a uma produção impossível. (Êxodo: 1, 8-13)

Não é exatamente isso o que está acontecendo para os trabalhadores nos países subdesenvolvidos, em nosso país? . . .

Outra medida tomada pelos egípcios foi pedir às parteiras que matassem os recém-nascidos varões de Israel. (Êxodo: 1, 15-22)

Velha e desumana fórmula de comportamento político para diminuir a natalidade nos países pobres, temíveis por seu alto crescimento da população. Lembrem as tentativas de aplicação em massa de métodos anticoncepcionais no Brasil, especialmente em áreas de grande tensão social. Lembrem também o programa de restrição à natalidade, nos países subdesenvolvidos, do Banco Mundial! . . .

É preciso impedir que os povos da fome continuem crescendo e ameaçando a tranquilidade e segurança dos povos da prosperidade . . .

SURGE O LÍDER DA LIBERTAÇÃO DOS OPRIMIDOS

Quando já crescido, Moisés começou a visitar seus irmãos de raça e pode enxergar com seus próprios olhos os trabalhos desumanos aos quais eram obrigados.

Importante notar esta qualidade do verdadeiro líder: ele comprova pessoalmente com seus olhos o que se passa na base, para assim interpretar a realidade.

Todo o trabalho correto com o povo deve partir do povo: recolhendo suas idéias, organizando-as e levando-as novamente ao povo, para que ele as traduza em ação.

Um dia Moisés viu como um capataz egípcio estava maltratando

* tradução e adaptação de A. Ferreira. TEMPO e PRESENÇA publica neste número a primeira parte deste estudo.

um escravo israelita. Deu uma olhada ao redor de si e, não vendo ninguém, matou ao egípcio e o enterrou em seguida na areia.

Moisés era um homem muito calmo . . . mais que qualquer outro (Números: 12, 3). Portanto, não devemos ver aqui o resultado de um ressentimento social ou racial, mas a santa raiva de um homem profundamente justo diante da injustiça chegada ao extremo.

Mas, Faraó soube logo, e daí em diante buscava a Moisés para matá-lo. Moisés, por isso, teve que tomar o caminho do exílio. E se refugiou no país vizinho de Madian. (Êxodo: 2, 11-15).

Quantos também hoje são obrigados a tomar o caminho do exílio, porque não se conformaram com a situação de injustiça de seus irmãos! . . .

DEUS É SENSÍVEL AOS GEMIDOS DOS OPRIMIDOS

Enquanto isso, passou-se muito tempo. O rei aquele morreu. . . mas Israel continuava gemendo como escravo. Gritava desesperado. E seus gritos de desespero subiram até Deus. Deus escutou seus gemidos . . . e resolveu intervir. (Êxodo: 2, 23-25). :

Esta resolução de Deus não foi ocasional, isto é, só naquela vez. Ela é eterna. Sempre Deus quer intervir, para libertar os oprimidos. Por isso, quem escuta seu chamado pode não somente contar com seu total agrado e apoio, mas também deve contar-se entre os que lutam pela chegada de seu Reino.

DEUS APELA A MOISÉS PARA REALIZAR A LIBERTAÇÃO

E Deus disse a Moisés: "Vi com meus olhos a miséria de meu povo no Egito. Seus gemidos de desespero me comoveram. Sim; comprehendo suas angústias. Por isso venho a ti, para libertá-los das garras de seus opressores, os egípcios. E os quero levar a uma Terra fértil, onde vivam felizes para sempre. Anda: pois sou Eu quem te manda ao Faraó, para que tires meu povo desta situação". (Êxodo: 3, 7-10).

Deus quer realizar normalmente seus planos através da ação dos homens. Cabe a nós assumir livremente esta tarefa! . . .

MOISÉS SENTE-SE INCAPAZ PARA TAMANHA TAREFA

Moisés, porém, respondeu a Deus, dizendo: "Senhor, eu não tenho facilidade para falar e isto desde há muito tempo".

Não é isto o que acontece com os trabalhadores e camponeses, quando despertam para a luta de libertação? Sentem-se incapazes de liderar, por falta de escola, por não ter facilidade de falar . . . E, no entanto, a direção da luta deve ser deles, para que a libertação seja verdadeira. Moisés conseguiu superar esta dificuldade, como se verá em seguida, fazendo equipe!

Eis aqui uma boa sugestão: fazer equipe, organizar-se!

Mas Deus lhe respondeu: "Diz-me: quem deu a boca ao homem? Quem faz ao surdo e ao mudo? Quem faz ao que vê e ao que não vê? Por acaso, não sou Eu? . . . Bem, então: Adiante! Eu estarei em tua boca e irei te inspirar o que há de dizer". (Êxodo: 4, 10-12).

PRIMEIRO PASSO PARA A LIBERTAÇÃO: CRIAR UMA EQUIPE DE DIRIGENTES E DAR ESPERANÇAS AO Povo

Moisés falou a seu irmão, Aarão, tudo o que Deus lhe dissera, ao confiar-lhe a missão. Moisés e Aarão tomaram então o caminho para o Egito.

À sua chegada reuniram os Anciãos do Povo.

O termo ancião não se refere tanto à idade, quanto a maturidade das pessoas. Os anciãos eram considerados como autoridades no meio do povo.

E Aarão lhes explicou todo o projeto que Deus havia comunicado a Moisés.

Foi fácil convencer ao Povo, que se alegrou, porque o Senhor tinha visto sua miséria e tinha resolvido libertá-lo. (Êxodo: 4, 26-29).

Já é a "Boa Notícia para os pobres" que começa. Contudo, falta muito ao povo para que comprehenda a que libertação o destina Deus.

Mas, em sua alegria, o povo expressa sua intuição que por aí está o "Caminho da Vida".

A DURA LUTA PELA LIBERDADE

PRIMEIRA ETAPA: AS TENTATIVAS "POR CAMINHOS PACÍFICOS"

MOISÉS E AARÃO DIANTE DO FARAÓ

Moisés e Aarão pediram uma entrevista ao Faraó e lhe disseram: "O Deus de Israel te diz o seguinte: Deixa meu povo ir até o deserto, para que me ofereça sacrifícios". Mas Faraó respondeu: "Eu não reconheço a Deus de Israel e por isso não tenho por que obedecer-lhe. Percam as esperanças de que vou deixá-los ir".

Mas, eles insistiram: "Só 3 dias, para que não caia alguma desgraça sobre nós".

Faraó se intrigou: "Para que este prazo de 3 dias? Vão trabalhar!" Ele pensava consigo: Agora que este povo é numeroso não é a hora de deixar-lhe tempo para pensar!

E naquele mesmo dia ainda deu as seguintes ordens aos chefes da construção e aos capatazes: "De agora em diante, não entreguem a matéria-prima a estes escravos israelitas, como antes. Que eles mesmo a busquem, mas nem por isso deixam de exigir-lhes a mesma produção. São uns vagabundos! Por isso, reclamam para ir oferecer sacrifícios a seu Deus. Aumentem-lhes o trabalho! Que não tenham tempo livre! E não deem ouvidos a sua reivindicação!"

A matéria-prima era principalmente a palha que se misturava com o barro, para fabricar tijolos. A nova exigência consistia em ir buscá-la às margens do Rio. Este agravamento da repressão é o próprio da reação dos opressores diante das reivindicações de libertação dos oprimidos. Assim tornam cada vez mais difícil a união, a organização e a luta dos oprimidos.

Foram, pois, os chefes da construção e os capatazes e disseram ao povo: "Escutem a ordem de Faraó: De agora em diante irão vocês mesmos buscar a palha para os tijolos; mas a produção deverá continuar a mesma".

O povo teve que acatar a ordem. E os capatazes os atucanavam. (Êxodo: 5, 1-13).

ATITUDE DOS CAPATAZES ISRAELITAS

Alguns dos capatazes eram israelitas. Estes foram castigados pelos chefes da construção, porque não se esforçavam em fazer cumprir a ordem do Faraó. Então eles se foram queixar diretamente ao Faraó: "Como é isso? Não nos dão mais a palha, temos que ir buscá-la nos mesmos e contudo exigem de nós a mesma produção! E o pior é que ainda castigam o povo, como se a culpa fosse dele".

Os chefes imediatos dos trabalhadores (mestres e contramestres) geralmente foram antigos companheiros seus. Antes lutavam junto com eles por melhores dias. Agora são obrigados a oprimi-los, para se manter no posto! . . . A história se repete! . . .

Faraó os contestou: "É que vocês são uns vagabundos! Sim, uns vagabundos! Esse é o motivo por que vocês querem três dias de descanso para ir oferecer sacrifícios ao seu Deus . . . Vão trabalhar e não diminuam a produção!" (Êxodo: 5, 14-18).

Desde o primeiro momento Faraó se deu conta de que eles queriam os três dias não para oferecer culto a Deus, mas que o povo estava tomando consciência de sua escravidão e queriam com este pretexto se libertar.

MOISÉS COMEÇA A DESANIMAR

Os capatazes israelitas saíram com o ânimo no chão. Não viam como resolver esta situação que já se tornava insustentável. Justamente na saída se encontraram com Moisés e Aarão que os estavam esperando. E se queixaram para eles: "Deus julgue a vocês! É culpa de vocês se Faraó e seus ministros não nos podem ver. Vocês lhe deram a espada na mão, para nos matar!"

Moisés, então, desanimado, voltou-se ao Senhor e lhe disse: "Senhor, por que maltratas assim a meu povo? Por que escolhestes justamente a mim para esta missão? Vê: desde que comecei a defender o meu povo diante do Faraó, este o maltrata. E tu, Senhor, não fazes nada para libertá-lo". (Êxodo: 5, 19-23).

Quantas vezes o militante se sente só e desanimado diante de Deus e contudo Deus lhe pede que continue!

A PROMESSA DE DEUS NÃO PODE FALHAR

Deus falou a Moisés e lhe disse: "Eu sou o Senhor... Quando escutei os gritos de Israel, arrancados do fundo de sua escravidão, tive presente minha aliança com este povo.

Por isso, diz a meu povo esta promessa: "Eu, o Senhor, os tirarei da escravidão dos egípcios. Irei dar-lhes a liberdade e introduzi-los na Terra que prometi a Abraão, Isaac e Jacó". (Êxodo: 6, 2-8).

Esta "terra prometida" toma, para os israelitas, então escravos, o aspecto de um território, onde viverão felizes e livres. Mas, veremos mais adiante como Deus dilatará a esperança deles e, se for necessário, diminuirá até Sua colaboração, para que não permaneçam numa esperança limitada. É que Deus, desde já, pensa introduzir o povo israelita e toda a humanidade no círculo de sua própria Família.

SEGUNDA ETAPA: AS MEDIDAS DE FORÇA

CONTAMINAÇÃO DA ÁGUA

O Senhor disse a Moisés: "O coração do Faraó ficou como a pedra. Não quis dar liberdade a meu povo. Vai vê-lo amanhã pela manhã quando se dirigir à beira do Rio. E lhe dirás: "O Senhor, o Deus dos israelitas, me manda dizer-te que deixes ir a seu povo. Até agora te fizeste surdo. Mas vou castigar a água do Rio, dos canais e das cisternas. Os peixes do Rio irão morrer e suas águas irão contaminar-se a tal ponto que os egípcios sentirão repugnância em bebê-la".

Moisés e Aarão fizeram como o Senhor lhes mandou. E todas as águas se contaminaram. Os peixes morreram em tal quantidade que a água tinha um cheiro insuportável. E ninguém a podia tomar.

Mas o coração do Faraó se tornou mais duro ainda e não fez caso do ocorrido. Muitos furaram poços à margem do Rio, para tirar água para beber. E tudo ficou em nada. (Êxodo: 7, 14-24).

MEDIDAS NA SAÚDE PÚBLICA

Uma semana depois Moisés foi entrevistar-se com Faraó e lhe disse, em nome de Deus: "Deixa em liberdade a meu povo, para que me vá oferecer sacrifícios no deserto. Se te opuseres a que ele saia, bichos de todas as espécies irão invadir o território. Irão penetrar nas casas, em teus próprios palácios, nos móveis e até em tua roupa!"

E assim aconteceu.

Faraó chamou a Moisés e Aarão e prometeu dar liberdade ao povo, contanto que o livrassem desta peste. Moisés lhe disse: "Ofereço-te uma boa ocasião para que me ganhes: Fixa o momento em que tenho que deixar limpa a cidade". – "Amanhã mesmo", lhe disse o Faraó. – "Assim se fará, respondeu Moisés. E saberás que não há como o nosso Deus".

Moisés então implorou ao Senhor, e o Senhor lhe deu o poder de deixar limpa a cidade no dia seguinte.

Mas, Faraó, vendo que a dificuldade havia sido resolvida, voltou a endurecer-se e se negou a cumprir o que tinha prometido. (Êxodo: 7, 25-8, 11).

Podemos notar aqui a falsidade com que joga o Faraó. A falsidade das promessas que logo depois não são cumpridas é um recurso muito comum para "apaziguar" e enganar as justas reivindicações do povo.

MEDIDAS NO CAMPO

O Senhor continuou insistindo com Moisés, para que não desanimasse diante do Faraó. E Moisés foi vê-lo de novo, para dizer-lhe: "Assim te fala o Senhor: deixa que meu povo vá oferecer sacrifícios. Se

não quiseres, a mão de Deus irá cair sobre o gado egípcio, sobre os cavalos, burros, camelos, bois e ovelhas. E isto acontecerá amanhã mesmo!" – acrescentou Moisés.

E assim foi. Morreu todo o gado dos egípcios.

Faraó recebeu a notícia, mas endureceu-se mais ainda e não afrouxou a licença para sair. (Êxodo: 9, 1-7).

Seguem outras medidas, durante as quais vemos Deus queixar-se do Faraó, porque ao manter seu povo na escravidão, ele se constitui "como um muro entre Israel e seu Senhor". (Êxodo: 9, 17). Expressão forte que nos faz pensar neste muro do qual falava o Cardeal Suhard que separa atualmente os proletários explorados e a Igreja. Mais adiante, durante outra medida, os ministros do Faraó o aconselham a afrouxar "para evitar algo pior para o Egito". Faraó, que tenta encontrar uma possível saída dos escravos, lhes permite ir oferecer sacrifícios, mas sem levar as mulheres nem as crianças. (Êxodo: 10, 6-11). Quantas vezes isto se repete: se dá aparente liberdade ao trabalhador, mas se sabe muito bem mantê-lo na dependência, a partir de seus compromissos familiares, se é que com isso não se o amarra mais ainda. Aqui poder-se-iam citar os tantos aparentes favores que se fazem para enganar os operários: presentes de festas, assistência social, cooperativas nas fábricas, etc.... Tudo isso apresentado como favor dos patrões, quando se sabe que são fruto do trabalho não remunerado, das horas extras, etc....

EXIGÊNCIAS DE MOISÉS E ENDURECIMENTO TOTAL DO FARAÓ

Faraó chamou a Moisés e Aarão e lhes disse: "Bem. Vão oferecer sacrifícios ao seu Deus! Levem consigo as mulheres e as crianças, mas fiquem suas ovelhas e bois".

Moisés não aceitou: "Tens que permitir que levemos o necessário para podermos oferecer sacrifícios dignos de nosso Deus. Precisamos levar todo nosso gado. Não podemos deixar aqui nenhuma cabeça, porque só lá saberemos o que teremos que apresentar ao Senhor em sacrifício!"

Mas Faraó (adivinhando perfeitamente a estratégia para a fuga) se manteve inflexível. Negou tudo a Moisés e ainda lhe disse: "Sai daqui e não voltes mais. Se voltares, morrerás".

Moisés lhe respondeu: "Está bem. Cumprirei o que disseste. Nunca mais voltarei aqui". E se foi. (Êxodo: 10, 24-29).

Moisés, "criado nas altas escolas do Palácio do Faraó" (Ver Atos dos Apóstolos: 7, 21) tinha-se voltado para os explorados (Ver Hebreus: 11, 24-25). Contudo, mantinha ainda relações com este ambiente de classe alta. Mas estas eram cada vez mais difíceis. Ao final, a ruptura se faz inevitável e Moisés a toma como uma libertação sua deste relacionamento social que lhe impedia de agir com força. Em sua última resposta a Faraó, já o vemos decidido a lutar para sempre seu destino ao dos escravos. Será que temos nós sempre coragem de nos libertar de tudo o que nos impede de lutar decididamente pela libertação dos oprimidos? Principalmente daquilo que nos dá alguns privilégios individuais?

TERCEIRA ETAPA: ÚLTIMO RECURSO: A VIOLENCIA

O Senhor então disse a Moisés: "agora só resta uma medida contra Faraó e o Egito. Depois deste último recurso, te garantoo que Faraó não só os deixará sair, mas suplicará que saiam".

Durante a noite, Deus fez morrer todos os filhos primogênitos dos egípcios, desde o filho mais velho do Faraó – o herdeiro ao trono – até o filho mais velho do último cidadão egípcio.

Faraó se levantou furioso. Em toda a cidade se ouvia uma só gritaria; não havia casa onde não houvesse um morto.

Este último recurso, que provoca vítimas inocentes, nos chama tremendamente a atenção, principalmente, se tivermos em conta que seu autor é o próprio Deus. Antes conhecíamos a Deus como o Deus paciente e bondoso, misericordioso. Mas o erro consiste precisamente nisto: em fazer de Deus uma pessoa insensível e alienada de nossas situações humanas, enquanto toda a Revelação nô-lo manifesta "comprometido" com nossas situações.

Aqui o vemos comprometido com uma "insurreição revolucionária" contra "uma tirania evidente e prolongada que atentava gravemente contra os direitos fundamentais da pessoa humana e prejudicava perigosamente o bem da comunidade" (Paulo VI, na Pp., nº 30). Em tais casos é necessário ver bem claro que a violência a que se chega não é

mais do que o elo de toda uma corrente de violências, que começou quando um homem ou um grupo social aproveitou a sua superioridade militar, econômica, ou científica, para explorar o outro. A história da humanidade é eloquente a este respeito: à medida em que os explorados querem quebrar o julgo que os escraviza, sentem mais e mais as unhas de seus patrões que se cravam no corpo deles, para mantê-los submissos. Esta lei do mais forte é a que começa toda a série de violências que tem seu ponto alto nesta luta de morte entre o egoísmo dos privilegiados (representado aqui pelo endurecimento crescente do coração de Faraó) e a vontade de liberdade dos oprimidos. Luta inevitável, cujas as consequências são imprevisíveis. Paulo VI diz a propósito do egoísmo dos ricos que “sua prolongada avarice não faz mais do que provocar o juízo de Deus e a cólera dos pobres, com consequências imprevisíveis” (Populorum Progressio, nº 49). Se este último recurso de Deus nos chama a atenção e se choca com os nossos ideais de tempo e de paz, contudo é muito importante que diante do drama de muitos povos e de muitos séculos, a Bíblia tenha páginas como estas que mostram que Deus não se retira do cenário, quando é preciso assumir medidas extremas como as que tomou para libertar o povo oprimido e escravizado pelos egípcios.

Faraó então mandou chamar a Moisés e Aarão e lhes suplicou: “Saíam vocês e todos os israelitas. Saíam, para sacrificar ao seu Deus. Levem as ovelhas, os bois, o que queiram levar. Saíam e deixem-me a bênção”.

Os egípcios também insistiam com os filhos de Israel para que se fossem, o quanto antes... “se não vamos morrer todos!”

O povo de Israel, então, tomou todas as suas coisas. E ainda mais: seguindo a ordem de Moisés, pediram aos egípcios objetos de prata e ouro, ou roupa de valor.

É claro que os egípcios nem duvidaram: deram tudo o que eles lhes pediram. E foi assim que Israel, despojou o Egito. (Êxodo: 11, 1; 12, 29-36).

CONTRA-REVOLUÇÃO E VITÓRIA FINAL

OS COVARDES PÔEM EM RISCO A VITÓRIA

Os israelitas partiram, pois, de Ramsés e se dirigiram até Succot. À medida em que avançavam, muitos escravos de diversas nacionalidades engrossavam suas fileiras.

A luta não é de um novo povo, mas de todos os oprimidos. Não importa a nacionalidade, a cor, etc. . .

E tomaram o caminho do deserto, até o Mar Vermelho.

Passaram Succot e acamparam em Etam, à beira do deserto. Depois seguiram e acamparam novamente em Fiairot, entre Magdal e o Mar Vermelho.

Enquanto isso, no Egito, Faraó soube que Israel tinha fugido e disse: “Devem andar perdidos, encurralados entre o deserto por um lado e o Mar Vermelho pelo outro”.

O mesmo tempo, o povo egípcio, também recuperado de seu susto, se queixava dizendo: “Por que deixamos sair os israelitas? Agora não nos resta mais nenhum escravo!”

E Faraó fez preparar seu exército e se lançou atrás de Israel, para recuperá-lo.

E o exército chegou ao lugar onde acampava Israel, frente ao Mar. Quando os israelitas o viram, estremeceram e lançaram gritos de desespero. E diziam a Moisés: “Trouxeste-nos aqui, para morrermos no deserto? Por acaso não havia sepulcros no Egito? O que nos adiantou termos saído?

Não te dizíamos ali: deixa-nos servir tranquilos aos egípcios, que é melhor vivermos escravos a morrermos livres?” (Êxodo: 12, 37-38; 13, 18-20; 14, 2-12).

Os covardes acham que o melhor é voltar a vender-se aos exploradores, contanto que não tenham que lutar. A contra-revolução conta assim com um acordo silencioso e inconsciente entre os exploradores que se ressentem com o que perderam e os explorados covardes que não têm a suficiente valentia de serem livres.

A SEGURANÇA DE MOISÉS NA DIREÇÃO DA LUTA

Moisés acalmou o povo: “Não tenham medo. Permaneçam tranquilos e verão a vitória que hoje mesmo Deus nos vai dar. De hoje em

diante, lhes digo que não voltarão mais a ver a cara dos egípcios. O Senhor combate conosco! Confiança e serenidade”. (Êxodo: 14, 13-14).

A segurança e a confiança que aqui vemos no chefe do povo de Israel não vem, certamente, de sua obstinação nem de suas forças militares, mas da fé que tem de que sua ação é fiel interpretação da realidade e da vontade de Deus sobre ela.

A VITÓRIA DECISIVA

A narração atual da Passagem do Mar Vermelho, tal como a encontramos na Bíblia, é uma mistura de duas “tradições”. Seguimos aqui a narração mais antiga e a que nos parece mais aproximada da verdade: uma ventania corre as águas do Mar Vermelho e o deixa meio seco diante dos olhos assombrados de Israel que vê nisto “a mão de Deus”. Quando o exército egípcio se quer lançar por trás com seus carros de guerra, atolam no barro e não podem escapar a tempo ante a maré que já volta rapidamente. A outra narração, muito posterior, coloca nesta narração primitiva intervenções espetaculares de Deus e Moisés. Parece-nos supérfluo aqui.

O Senhor mandou uma ventania forte durante a noite toda, que empurrou as águas do Rio até a região norte, e deixou o mar seco. Em seguida os israelitas se lançaram à travessia, sem sequer molharem os pés.

Ao ver isto de longe, os egípcios se puseram em marcha, para perseguí-los, com seus carros e cavalos. Mas, quando entraram, as rodas dos carros atolaram no barro e caíram uns sobre os outros. Os egípcios se assustaram e gritaram: “Fujamos daqui, porque é o Deus de Israel que nos castiga!” E já as águas da maré voltavam com velocidade, afundando-os por todos os lados. E todos morreram no mar.

Israel foi testemunha de tudo isto e compreendeu que tinha sido a mão de Deus. Só a partir deste momento tiveram fé Nele e em seu servidor Moisés.

Assim é o povo. Não crê nos projetos revolucionários, enquanto são meras palavras. Crê, isto sim, nos fatos. Esta é uma dificuldade séria para os dirigentes, enquanto se desenvolve a luta e quando parecem ser mais numerosas as derrotas do que as vitórias!

Então Moisés e todo o povo cantaram em honra do Senhor este canto:

“Cantarei, cantarei ao Senhor que se mostrou glorioso conosco: aos egípcios, seus carros e cavalos, afundou no Mar para sempre. O Senhor é minha força, n’Ele confiarei. O Senhor é meu Salvador, glorifica-lo-ei. Por teu grande amor, Senhor, te fizeste chefe deste povo. Livraste-o e agora o levas até tua Santa Morada”.

Era Myriam, a irmã de Moisés, quem assim fazia o povo cantar, ao ritmo de um bombo e de um coro de meninas com tamborins. (Êxodo: 14, 21-31; 15, 1-21).

O MANIFESTO DE DEUS

Ao confirmar com sua autoridade a atuação de Moisés e desta multidão de escravos, Deus lançou “seu” MANIFESTO na história dos homens. Ao longo da Bíblia, os profetas o recordam sem cansar:

*“SOLTEM TODA A ESPÉCIE DE CADEIAS
LEVANTEM TODOS OS JUGOS DA ESCRAVIDÃO...
E SÓ ENTÃO VERÃO A GLÓRIA DE DEUS”*

(Isaías: 58, 6-11)

A humanidade avançará até o seu mais alto grau de felicidade, na medida em que romper as estruturas que mantêm seus filhos na escravidão ou em situações infra-humanas e os promover para a liberdade total.

Deus fez seu o grito de Moisés:

LIBERDADE PARA OS OPRIMIDOS!

Pensar ou repensar a educação: como?

Moacir Gadotti

Não existem receitas mágicas, nem métodos ou técnicas que garantam que estamos realmente re-apreendendo a educação ou re-produzindo a educação. Houve tempos em que se pensava que era suficiente opor uma pedagogia não-diretiva a uma pedagogia diretiva. A não-diretividade pode ser uma excelente técnica de ocultação ideológica e, portanto, de manipulação. Na verdade, as pedagogias não-diretivas, as pedagogias "centradas no estudante" nada mais fizeram, como a pedagogia do diálogo, do que desviar a educação do seu problema fundamental. A pedagogia do diálogo, centrando o problema da educação na relação professor-aluno, desviou a atenção para um problema importante, mas secundário da educação, porque o problema central continua sendo a relação da educação com a sociedade, continua sendo a vinculação entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo. Deter-se na relação professor-aluno é escamotear o problema, ocultar as raízes dos problemas educacionais.

O educador, o filósofo, o pedagogo, o artista, o político tem e tiveram, historicamente, um papel eminentemente crítico: o papel de inquietar, de incomodar, de perturbar. A função do pedagogo parece ser esta: à contradição (opressor-oprimido, p.ex.) ele acrescenta a consciência da contradição. Foi isso que fizeram, por exemplo, Lao-Tsé, Sócrates, Marx, Nietzsche, Freud, Mao Tsé-Tung, Gramsci, Freinet, Amilcar Cabral, Freire e outros pedagogos da história antiga ou contemporânea: à contradição inerente à sociedade, à natureza, o pedagogo, o educador acrescenta a consciência da contradição. Portanto, sua tarefa é a de quem incomoda, de quem ativa conflitos para a

sua superação (não o conflito pelo conflito).

Estou tentando fazer filosofia da educação, isto é, tentando refletir sobre o papel do pedagogo, do educador, que é a tarefa desta filosofia. Considero, porém, que a reflexão é insuficiente. Como evitar a ilusão da filosofia de que basta refletir, pensar, para que o "curso das coisas" se modifique? Parece-me que essa ilusão só, não resiste a uma praxis. Quero dizer que uma filosofia da educação enquanto reflexão sobre educação só é estimulante e útil na medida em que ela conduza a uma prática, como a prática conduziu à reflexão. Portanto, uma filosofia da educação que se contenta em falar sobre a educação é uma filosofia ideológica. Para que a educação tire proveito de suas relações com a filosofia, é preciso que esta última se coloque realmente à escuta dos problemas da educação contemporânea e indique os primeiros passos a dar na superação desses problemas; que acolha certos problemas da sociedade brasileira contemporânea, que o sistema escolar "esquece", deturpa, distorce, manipula. Acolher os problemas que a educação dominante "esquece" de abordar ou negligencia. Esse "esquecimento", portanto, não é uma ausência, uma omissão, é um esquecimento qualificado, que faz parte da estratégia da demolição da educação e da sociedade. Vou citar alguns exemplos: em cada 10 brasileiros, 3 são deficientes (podemos discutir as causas: a má nutrição, condição de vida sub-humana, etc.). Parece-me importante que esse, que é um dos principais problemas brasileiros, seja acolhido na formação do pedagogo dessa sociedade. Precisamos formar gente capaz de afrontar esse problema. Outro: 30% da nossa população é analfabeta. Idem. O

que tem feito a Universidade brasileira pelo analfabeto brasileiro? Outro exemplo: viver em sociedade supõe organização. Ora, um dos principais problemas da sociedade brasileira é o individualismo (vejam-se as raízes econômicas ou políticas desse individualismo). Pergunto: o que tem feito o nosso sistema escolar pela formação societária, pela formação sindical? Ela parece estar voltada muito mais para a reprodução do individualismo, hierarquizando as forças produtivas, do que propriamente para educar para uma vida comunitária. Esses exemplos poderiam ser multiplicados: a educação pré-escolar, a educação cooperativista, a animação cultural, etc. Eles querem mostrar que o pedagogo tem ainda, apesar da lei, uma função específica na sociedade, e que o Curso de Pedagogia, esvaziou-se, justamente porque não prepara para essa função, mas para outras funções puramente burocráticas e muitas vezes inexistentes no "mercado de trabalho", que não é por nada que se chama de "mercado".

A prática consciente de uma Pedagogia que, na falta de palavra mais adequada eu chamaria de Pedagogia do Conflito, deveria criar uma certa linguagem na Educação que leve o educador a reassumir o seu papel crítico dentro e diante da Sociedade pela dúvida, pela suspeita, pela atenção, pela desobediência. Essa prática é militante e amorosa ao mesmo tempo. Exige coragem e ternura. Por isso é que eu a fundamentaria inicialmente na suspeita dialética como seu método, tal qual a praticou Marx, mas não esquecida de fundamentá-la também numa certa ética, porque a eficácia do discurso pedagógico deve-se menos à lógica do enunciado do que à coerência do que é afirmado com aquele que o afirma.